

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP/COGEAE**

WEVERSON MARQUES DE ANDRADE

**Educando para tolerância:
Fundamentos éticos da pedagogia de João Amós Comênio**

**SÃO PAULO
2013**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP/ COGEAE

WEVERSON MARQUES DE ANDRADE

**Educando para tolerância:
Fundamentos éticos da pedagogia de João Amós Comênio**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Especialista em Fundamentos de uma Educação para o Pensar - COGEAE**, sob a orientação da Professora Doutora Sonia A. Ignacio Silva.

**SÃO PAULO
2013**

Ao Deus Trúino toda glória.

Agradecimentos

A Deus, autor e consumidor da fé, por Sua infinita misericórdia e amor ao conduzir cada humilde passo meu e por Sua obra salvífica na cruz, pela qual alcançamos imerecidamente o bem precioso da salvação. A Ele toda a glória.

Aos meus pais, irmãos, noiva e amigos pelo incentivo, carinho e apoio que me foram dados no decorrer de todo o curso.

À EE Márcia Aparecida da Silva Faria Ries (ex- Vazame II), local onde me formei discente e também docente.

Ao Pastor Heber Guéter Fach e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), Comunidade Ebenézer - Distrito Luterano Paulista -, por conduzirem com tanto zelo e presteza meus passos na fé.

À professora Sonia A. Ignacio Silva pela orientação, dedicação e paciência ao me guiar pelos caminhos da pesquisa acadêmica.

Aos meus professores da Especialização em Fundamentos de uma Educação para o Pensar da PUC/SP, pela contribuição para a minha formação.

Aos meus colegas de curso, pelo agradável convívio, amizade e ajuda; em especial, a Emerson, Jefferson e Marcelo.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo principal analisar o conceito de ética desenvolvido por João Amós Comênio, com ênfase em sua inter-relação com a educação. A fonte principal de nossa pesquisa foi seu importante escrito pedagógico, Didática Magna. A partir da análise desta e outras obras do autor, além de fontes diversas, buscamos identificar as especificidades de seu pensamento acerca do assunto, no intuito de elencar possíveis contribuições para o ensino atual. Neste sentido a pesquisa se dividiu em três frentes: histórica, filosófica e educacional. Em um primeiro momento analisamos diversos aspectos históricos do universo comeniano; a realidade econômica, política e cultural serve como pano de fundo das discussões do primeiro capítulo. Em seguida analisamos a filosofia comeniana, seu principal conceito, a Pansofia, e, sobretudo, o sistema ético subjacente. Por fim, nossa pesquisa intentou relacionar a ética comeniana, tanto em suas características mais gerais, quanto em suas características especificamente educacionais com o atual sistema de ensino. Apresentamos temas como democratização da educação, formação integral, respeito à subjetividade dos educandos, qualidade do ensino e tratamento das escolas por parte do Estado. Todos, temas bastante atuais e bastante caros ao autor que pesquisamos. O referencial teórico foi fornecido pela Fenomenologia, na qual buscamos explorar diversas facetas do pensamento ético comeniano, em sua relação intrínseca com seus conceitos pedagógicos e filosóficos.

Palavras - chave: João Amós Comênio (1592 - 1670), Ética, Educação.

Abstract

The research had the main objective to analyze the concept of ethics developed by John Amos Comenius, with emphasis on their relationship with education. The main source of our research was his important pedagogical writer, Great Didactic. As from the analysis of this and others author's works, in addition to several sources, we seek to identify the specifics of his thinking about the subject, in order to list the possible contributions to the actual teaching. In this sense the research was divided in three areas: historical, philosophical and educational. At first we analyze various historical aspects of the comenian universe; economic reality, political and cultural serves as a backdrop to the discussions of the first chapter. After that we analyze the comenian philosophy, its main concept, Pansophy, and especially the ethical system underlying. Finally, our research intended to relate the comenian ethics, both in their general characteristics, and in their specific educational characteristics with the actual education system. Here are topics such as democratization of education, comprehensive training, respect to the subjectivity of students, quality of education and treatment of schools by the state. All themes are very actual and very dear to the author researched. The theoretical framework was provided by the Phenomenology, in which we explore various facets of comenian ethical thought, in its intrinsic relationship with their pedagogical and philosophical concepts.

Key - words: John Amos Comenius (1592 - 1670), Ethics, Education.

Uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz

Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes e se exalará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações.

E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas, porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR.

E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear.

Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do SENHOR.

Livro de Isaías: cap. 2, versículos 2-5.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I – Entre o Paraíso Checo e o Labirinto do Mundo: vida e obra de João Amós Comênio.....	15
1.1 Introdução.....	15
1.2 Breve histórico do reino Boêmio.....	15
1.2.1 Evolução da religiosidade boêmia e novas dissidências.....	19
1.3 O mundo de Comênio: Introdução.....	21
1.3.1 Em meio ao paraíso checo nasce João Amós Comênio.....	23
1.4 Andanças pelo <i>labirinto do mundo</i>	29
1.4.1 Discussões sobre o método: encontro com René Descartes.....	32
1.5 As estadias de Comênio na Suécia e na Hungria e o retorno a Lezno...33	
1.6 O descanso final na Holanda.....	35
Capítulo II – Comênio e a arte universal de ensinar tudo a todos: uma proposta ética para um mundo em ruínas.....	37
2.1 A natureza como espelho.....	37
2.2 Ensinando tudo a todos totalmente: a Pansofia.....	39
2.3 Quem é o homem para Comênio?.....	41
2.4 Ética comeniana: elementos constitutivos.....	44
2.5 O papel moral da educação.....	50
Capítulo III – João Amós Comênio hoje: educação e ética.....	53
3.1 A influência de João Amós Comênio na educação atual.....	53
3.2 Ensinar “tudo a todos”: uma premissa ética.....	58
3.3 O acesso dos excluídos ao processo educacional.....	63
3.4 Enquanto isso no Brasil.....	66
3.5 Uma escola da paz.....	70

Considerações finais.....	72
Referências.....	75
Anexo 1 – Quadro de Rembrandt sobre Comênio “Portrait of an old man (the rabbi)”.....	77
Anexo 2 – Medalha “Comenius” concedida pela UNESCO.....	78
Anexo 3 – Mapa da Morávia feito por João Amós Comênio.....	79
Anexo 4 – Trecho da obra “Pampedia” de Comênio.....	80

Introdução

Pioneiro da educação democrática, João Amós Comênio (1592- 1670) defendeu o direito de todos aprenderem, em uma época em que o destino já parecia estar dado pelo nascimento. Por isso, não prometeu qualquer didática, mas uma didática que fosse magna, grandiosa, que ensinasse tudo a todos. Não se contentou com a rigidez e exclusão dos colégios até então existentes. Defendia obstinada e primordialmente, a dignidade humana. Contra uma existência oca, vazia, afirmava uma existência repleta de sentido e significação, e que certamente não esperava que se encerrasse aqui. Difundiu em seus escritos a educação inclusiva e de qualidade para todos, indistintamente, como uma reverência ao Deus que ele tanto cria e um ato de amor ao próximo. Queria que todos, independentemente de origem, classe social ou gênero, pudessem compreender seu objetivo primevo. A educação em Comênio tem, assim, o sentido de formar integralmente o homem, tanto para sua subjetividade, quanto para sua vivência em comunidade.

Sua importância se estende a vários campos. Sua pedagogia é mais que pedagogia, sua filosofia é mais que filosofia. Insistia que o homem buscasse contra si mesmo aquilo que ainda subsiste bondosa e exigentemente na alma humana, mesmo com todas as corrupções possíveis ao nosso gênero. Buscou não só um método que se adequasse as necessidades de seu tempo, mas queria antes salvar a humanidade de si mesma por meio da escola.

Conhecido na posteridade como “Pai da Pedagogia Moderna”, suas ideias e ideais ultrapassam as barreiras do tempo e atravessam os modismos pedagógicos. Seus postulados permanecem ainda hoje objetivos inalcançados e suas “utopias” são ainda inspiração para qualquer educador que se pretenda progressista e para qualquer sociedade que se queira mais humana.

A extensão intelectual da obra de João Amós Comênio o torna um pensador ímpar na história da educação. Coerente com seu ideal pansófico, seus escritos se desdobram em vários campos do saber, formando um todo

complexo e totalizante, abarcando diversos campos da existência humana através de uma ideia de formação contínua, a partir já da infância (COMENIUS, 2011), direcionada à transcendência. Tendo como fio condutor de seu pensamento sua concepção de homem em consonância com os ideias humanistas do cristianismo reformado (embora sem romper definitivamente em muitos aspectos com a escolástica medieval), propunha a formação integral do homem nos aspectos intelectual, espiritual e técnico-material (COMÊNIO, 1971; COMENIUS, 2006).

Mesmo tendo permanecido por muito tempo no mais completo esquecimento, renegado ao ostracismo provavelmente pelo caráter metafísico de sua teoria, seu pensamento tem sido gradualmente revisitado por diversos teóricos e pesquisadores que passaram a enxergar em sua teoria valores e ideais presentes nos tempos atuais, além daqueles que veem em Comênio fonte de inspiração didático- pedagógica permanente.

Dado o caráter profícuo de sua obra, a pesquisa sobre Comênio divide-se entre os campos da teologia, filosofia e da educação (incluindo-se aí a didática). No Brasil recentes estudos sobre o caráter eminentemente teológico do conceito educacional comeniano tem sido empreendidos (LOPES, 2003; 2007), no intuito de identificar, sobretudo, aspectos da teologia Hussita no cerne da pedagogia comeniana, além de outros elementos da tradição religiosa moraviana presentes em seu pensamento. Soma-se aos esforços de diferentes teólogos cristãos - geralmente protestantes -, o interesse sobre a obra de Comênio por parte de autores espiritualistas como Dora Incontri (2009), que inclusive, fundou uma editora de nome "Comenius" (grafia latina), na tentativa de popularizar o pensamento de seu inspirador e traduzir suas obras, infelizmente ainda pouco difundidas. Ainda no campo espiritualista, outra obra recente foi lançada pelo especialista em tecnologias informacionais Luis Augusto Beraldi (2006), pela editora Comenius, abordando o caráter revolucionário de Comênio ao introduzir na educação os mais desenvolvidos aparatos tecnológicos de sua época, como em seu conceito de "didacografia" (modelo didático análogo à tipografia) e em seu fascínio pelo relógio, além de sugerir alguns métodos de utilização das modernas tecnologias cibernéticas, no melhor estilo comeniano.

Outros diversos escritos têm sido produzidos, ressaltando o caráter inovador e inspirador de Comênio, presente em diferentes modelos de ensino e no pensamento de grandes educadores contemporâneos (AHLERT, 2006; ARAUJO, 1996; KULESZA, 1992).

No intuito de figurar Comênio entre os grandes autores da história da educação e resgatar não só seu status de “maior educador e pedagogo do século XVII, conhecido com justiça como o Pai da Didática Moderna” (ARANHA, 2006, p. 157), mas também de figurar seu nome “ao nível dos de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, isto é, dos maiores da educação e da pedagogia” (LUZURIAGA, 1973, p. 139), diversas pesquisas já foram realizadas (GASPARIN, 1994; GASPARIN, 1997; NARODOWSKI, 2006), além de pesquisa biográfica riquíssima (COVELLO, 1991; CAULY, 1999), desveladoras da grandiosa personalidade por detrás do autor da Didática Magna.

Acreditamos, porém, que embora importantes pesquisas tenham sido feitas sobre o tema “Comênio”, algumas lacunas de seu pensamento ainda foram pouco exploradas. O presente estudo ambicionou, na medida em que expôs os fundamentos da ética comeniana, indicar caminhos para uma educação fundamentada na tolerância e no bem pensar.

Pela reforma do pensamento, pelo método, pela pansofia e pela escola, Comênio acreditava ser possível mudar os rumos da civilização mundial e transformá-la em uma imensa comunidade fraterna e internacionalista; toda vida e obra de Comenius é em última instância um apelo à dignidade humana, ao apreço pelo outro e ao respeito mútuo.

Neste sentido, a escola enquanto espaço privilegiado de construção do homem político dá forma ao próprio discurso democrático da convivência e afirmação da dignidade dos diferentes, ou como diria João Amós Comênio, funciona como verdadeira “oficina da humanidade”. Deste modo, Comênio propunha em seu ideal pansófico, a reforma da sociedade em escala progressiva a partir da educação, conforme assevera Olivier Cauly (1999) ao comentar em seu estudo biográfico sobre o autor tcheco:

A reformulação das escolas que deve ser gerada pela reforma de todos os sistemas escolares e universitários é o primeiro passo que deverá conduzir para fora das vias tortuosas do “labirinto do mundo”. A escola é verdadeiramente o laboratório da sociedade na medida em que institui um modelo de cooperação social chamado a tornar-se universal. Então, a ordem social estará à imagem da ordem imutável do mundo, e o espírito da paz poderá brilhar sobre uma harmonia definitivamente concretizada (CAULY, 1999, p.194).

Justamente neste ponto situa-se, na óptica desta pesquisa, a atualidade e importância do autor. Acreditamos que as propostas humanistas do teólogo e pedagogo tcheco ainda possuem grande valor, ao perpassarem o período de sua própria vida e de seu tempo histórico por trataram de questões centrais à própria condição humana, de qualquer época.

Ao inferir de seus postulados teológicos que a “todos os que nasceram homens a educação é necessária, para que sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis” (COMÊNIO, 2006, p. 76), e assim participar racionalmente de sua salvação, tanto no plano religioso quanto social, Comênio afirma em pleno século XVII, a existência de uma raça humana una, embora de culturas múltiplas, que somente através de uma educação voltada para o pensar poderia se reencontrar consigo mesma. Este objetivo por si só já oferece legitimidade a esta humilde empreitada intelectual e o esforço cognitivo daí decorrente, ao explorar o pensamento deste grande autor, tão atual em sua defesa da razão e de valores universais.

Ao analisarmos o pensamento ético de João Amós Comênio, tomamos como referência principal de sua pesquisa sua grande obra educacional, a Didática Magna. Nos propusemos a discutir os fundamentos éticos da teoria educacional de João Amós Comênio, no intuito de sugerir e analisar possíveis contribuições do autor para uma educação baseada na alteridade e no respeito ao ser humano em seus mais diversos aspectos. Portanto, a partir do exposto, a pesquisa se dividiu entre os seguintes objetivos:

- 1. Realizar uma análise histórico-biográfica sobre João Amós Comênio, bem como sobre o contexto político, cultural, econômico e social em que se desenvolveu sua obra.**

2. Identificar os fundamentos éticos contidos no método e no modelo pansófico de pensamento proposto por Comênio na Didática Magna;

3. Analisar a pertinência dos valores éticos defendidos por João Amós Comênio e sua possível relevância para a educação atual.

A pesquisa teve caráter qualitativo a partir de fontes bibliográficas e de cunho exploratório. O aporte teórico de nossa pesquisa foi fornecido pela Fenomenologia, na qual buscamos a análise do pensamento comeniano a partir da temática elencada, explorando as diversas facetas e características implícitas de sua filosofia ética, para, assim, extrair possíveis contribuições para o contexto sócio- educacional atual. Para tanto, nosso trabalho se dividiu da seguinte forma:

- **Capítulo I – Entre o Paraíso Checo e o Labirinto do Mundo: vida e obra de João Amós Comênio:** estudo biográfico sobre a vida e o universo cultural, econômico, social e político de João Amós Comênio (1592 - 1670)
- **Capítulo II – Comênio e a arte universal de ensinar tudo a todos: uma proposta ética para um mundo em ruínas.** A natureza como espelho, ensinando tudo a todos totalmente: a Pansofia, quem é o homem para Comênio? Ética comeniana: elementos constitutivos, o papel moral da educação
- **Capítulo III – João Amós Comênio hoje: educação e ética.** A influência de João Amós Comênio na educação atual, ensinar “tudo a todos totalmente”: uma premissa ética, o acesso dos excluídos ao processo educacional, enquanto isso no Brasil..., uma escola da paz
- **Considerações finais**
- **Referências**
- **Anexos**

CAPÍTULO 1

Entre o Paraíso Checo e o Labirinto do Mundo: vida e obra de João Amós Comênio

1.1 Introdução

Filósofo, educador e, sobretudo teólogo, João Amós Comênio¹ (1592-1670) foi sem dúvida uma figura emblemática em vários aspectos. Em uma trajetória intelectual que se mistura intrinsecamente à sua própria vida, sua personalidade notável já renderia uma obra extensa. Era ativo participante da igreja cristã protestante Unidade dos Irmãos Morávios, pela qual concentrará esforços até o fim de sua vida. Como refugiado protestante (tendo abandonado a Boêmia após o furioso avanço da dinastia católica dos Habsburgos e o fim da liberdade religiosa), Comênio passou por diversos países como Polônia, Inglaterra, Suécia, Hungria e por fim, Holanda, morrendo em 15 de novembro de 1670. Sua vida errante, longe de ser marcada somente pela guerra e pelas constantes perdas familiares, se distingue por sua intensa produção que conta com aproximadamente duzentas obras entre escritos educacionais, políticos e teológicos.

Coerente com seu tempo, a ciência pedagógica sistematizada por Comênio não pode ser compreendida se dissociada de seu contexto histórico. O universo filosófico de sua época, bem como as disputas político- religiosas na qual estava inserido o território da Boêmia, são de suma importância para o entendimento de sua obra.

Observados tais aspectos, cumpre analisar brevemente a tradição religiosa Européia e mais especificamente do Reino Boêmio incluindo as particularidades do movimento pré- reformador surgido neste lugar.

1.2 Breve histórico do reino Boêmio

¹ No presente trabalho optamos por nos referir ao autor utilizando a tradução aportuguesada João Amós Comênio em detrimento do original checo Jan Amós Komenský e da versão latinizada, Jan Amós Comenius, utilizada por alguns autores presentes em nosso quadro de referências.

Localizada na atual República Checa, os reinos da Boêmia e Morávia têm suas raízes na colonização eslava ocorrida no século VII e na cristianização do século VIII. No século XI o reino da Morávia deixa de existir e parte de seu território é anexado pela Boêmia. Integrada inicialmente ao Sacro-Império Romano Germânico, cedo os boêmios caem sob a influência da coroa austro-húngara. Em grande medida, a importância histórica atribuída ao reino está não só em ter fornecido ao mundo um de seus maiores educadores, mas também por ter sido palco do primeiro grande movimento reformista cristão lançando à história todas as sementes da Reforma Protestante que se popularizaria com Lutero, João Calvino e tantos outros.

Em meados da Idade Média, a situação de degeneração moral do clero, agregada ao abuso do poder político da igreja, altos impostos cobrados pelos senhores feudais, pestes terríveis, colheitas fracas e fome, faziam com que o homem medieval vivesse em seu limite, em uma espécie de neurose coletiva constante. Não é de se espantar que toda sorte de movimentos religiosos tenham surgido nesta época em oposição aos abusos clericais e ao caos social. Baseados em exegeses que se mesclavam a questões sociais da época, e escatologias² em sua maioria apocalípticas e milenaristas, ordens mendicantes e fraternidades místicas de toda ordem pululavam em todos os cantos. Desde o maniqueísmo dos Cátaros, passando pelo cristianismo revolucionário dos Valdenses, o despojamento ascético de Francisco de Assis, até as pregações inflamadas de Jerônimo de Savonarola, podem ser vistos como expressões dessa oposição, embora em períodos e contextos geopolíticos distintos.

A soma desses movimentos ficará conhecida como Pré-Reforma, por anteceder à Reforma Protestante deflagrada por Martinho Lutero em 1517 e por não conseguir lograr êxito imediato, com a maioria de seus líderes sendo condenados a morte, acusados de heresia.

O movimento reformador boêmio era conhecido de longa data e teve em João Huss sua figura mais emblemática. Foi um grande contestador do poder

² Ramo da teologia responsável pelo estudo das profecias acerca dos fins últimos da humanidade. Conceito presente em diversos grupos religiosos.

temporal do clero e uma figura extremamente carismática, conforme destaca Karl Amon:

Ele era um professor seguro de si, quase fanático, porém estimado; por duas vezes foi reitor da Universidade de Praga, fundada sob Carlos IV. Seus sermões tocavam nas feridas abertas da vida eclesiástica da época e eram, por isso, como sementes que caem em terra arada. Defendia o casamento dos padres, pois assim muitos escândalos seriam evitados, e desejava uma liturgia nacional. Colocava a pregação acima dos sacramentos e fazia depender sua eficácia salvífica do estado de graça de quem pregava (AMON, 2006, p.148).

Após sua morte no Concílio de Constança em 1415, quando foi injustamente acusado de heresia, se tornando assim, um dos grandes mártires protestantes, um assombroso clima de descontentamento invadiu a Boêmia. Os distúrbios populares se iniciaram com o episódio conhecido como “Primeira Defenestração de Praga” quando membros do conselho da cidade foram atirados das janelas do prédio do governo e mortos pela população revoltosa. Após o anúncio de retaliações do lado romano, um enorme levante foi organizado contra o imperador austro- húngaro Sigismundo e contra o papa da época, João XXIII, dando início a uma série de disputas militares chamadas posteriormente de Guerras Hussitas.

A Boêmia é decretada pelos protestantes, com o apoio de sua nobreza, território independente da Sé romana. Em seguida diversos grupos religiosos se formam no território boêmio em torno da figura de João Huss, agora elevado a condição de mártir e herói nacional; todos se autoproclamando sucessores diretos do grande pregador Boêmio. Dentre eles, os mais expressivos foram os Hussitas de Praga (também chamados de Utraquistas³) e os Taboritas⁴.

Os dois grupos, embora possuíssem aspirações em termos semelhantes, se distinguiam por aspectos doutrinários e sociais. Sobre isto declara Justo L. Gonzalez:

³ Nome derivado do latim *sub utraque especie* que significa "em ambas as espécies". Nome dado aos hussitas moderados de Praga, defensores da comunhão popular sob as duas espécies: Pão e Vinho.

⁴ Comunidade Hussita radical formada pelos habitantes do Monte Tabor.

Os taboritas eram revolucionários apocalípticos que criam que o fim estava próximo, e que estavam dispostos a contribuir para sua vinda usando da espada. Suas doutrinas eram muito mais radicais que as dos verdadeiros hussitas. [...].

Os taboritas insistiam em que tudo o que não estivesse na Bíblia deveria ser rejeitado. Contra eles os hussitas de Praga diziam que somente deveria ser rejeitado o que contradissesse os ensinamentos claros das Escrituras. Por isto os hussitas mantinham boa parte das cerimônias tradicionais, as vestimentas eclesiásticas e os ornamentos nas igrejas. Os taboritas rejeitavam tudo isto. Na realidade, como acontece tão freqüentemente neste tipo de confronto, tratava-se de um conflito social. Os taboritas eram em sua maior parte pessoas de classe baixa, desprovidas de todo bem-estar físico, para os quais os ornamentos e as cerimônias eclesiásticas eram um luxo abominável. Os hussitas na maioria eram nobres e burgueses cujos gostos e formação estavam mais dirigidos para a arte, as letras, a tradição e os ornamentos (GONZALEZ, 1986, p.104-105).

Ainda sobre os taboritas acrescenta Edson Pereira Lopes:

[...] Para os taboritas, o tempo da vingança divina e o ano da retribuição em que pereceriam os pecadores e os adversários da lei de Deus estavam próximos e que ninguém escaparia do juízo de Deus. Os soldados de Deus iam arrasar a Terra e instalar a sociedade dos eleitos sobre as ruínas dos reinos esmagados. Sonhavam que os reis seriam seus servidores, e que as nações que não aceitassem servi-los seriam exterminadas. Os filhos de Deus passariam sobre os corpos dos reis, e todos os reinos que estariam debaixo do céu lhes seriam dados. O fim desse século “pecador” inauguraria um período de felicidade na Terra [...] (LOPES, 2007, p.47).

As firmes crenças milenaristas⁵ foram constantes nas declarações de fé e nas ações dos grupos taboritas, e, por conseguinte, nos fundamentos da *Unitas Fratrum*, e estará presente no pensamento de Comênio.

Embora os dois grupos estivessem em constante oposição no início do levante, as circunstâncias obrigaram-nos pouco a pouco a somarem forças em uma frente única. Desta união resultou a formulação do documento conhecido como acordo dos Quatro Artigos, defendendo maior liberdade de consciência religiosa e a moralização do clero.

⁵ Crença religiosa no regresso eminente ou mesmo datado do messias, e no conseqüente estabelecimento de um Paraíso terreno reservado a um grupo eleito por mil anos.

Em razão de todos estes acontecimentos, o papa julgou o território boêmio palco de heresias e convocou uma cruzada contra eles no ano de 1420.

Liderados pelo nobre João Zizka, o exército boêmio, formado, sobretudo por taboritas, empreendia grande ofensiva contra o exército dos cruzados e, uma a uma as hordas de invasores romanos eram derrotadas. João Zizka, mesmo após perder seu único olho em batalha após uma flechada (ele sempre fora cego de um olho e mesmo após ficar totalmente cego continuou liderando as forças boêmias com êxito absoluto) e se transferir para outra facção do movimento, a fraternidade do Monte Horebe, continuou liderando os exércitos boêmios até sua morte em 1424, vitimado pela peste negra. Ao todo foram enviadas cinco incursões militares contra os hussitas-taboritas entre os anos de 1420 e 1431, todas humilhantemente derrotadas.

O movimento permaneceu incólume durante longo tempo, só conhecendo seu fim após traição de parte dos hussitas, desejosos em obter as vantagens da comunhão com Roma. Os hussitas acabaram readmitidos no seio da igreja católica e tiveram sua devoção particular permitida. No entanto, diversos grupos discordantes, inspirados em John Huss já haviam florescido no solo boêmio, ganhando amplo apoio do povo. Dentre eles o mais famoso foi a congregação Unitas Fratrum, sobre a qual falaremos a seguir.

1. 2. 1 Evolução da religiosidade boêmia e novas dissidências

O movimento hussita-taborita não permaneceu inalterado em suas convicções e exegeses iniciais, e acabaram mais uma vez se dividindo em grupos antagônicos.

Cada vez mais envolvidos por profecias, os taboritas aumentavam gradualmente a radicalidade e irracionalidade de seu discurso. Chegaram a datar o Juízo Final em 1420, autodenominavam-se “soldados de Cristo” e consideravam-se os únicos eleitos de Deus, responsáveis pelo estabelecimento do milênio na Terra. O próprio João Zizka, líder dos taboritas os abandonou “pois lhe parecia que os taboritas estavam ficando místicos e visionários demais” (GONZALEZ, 1986, p. 106).

O caldeirão de exegeses que se tornara o ramo taborita da cristandade boêmia abriu caminho para um novo grupo dissidente: a seita dos adamitas. Extremamente polêmicos e tidos por degenerados pelo próprio movimento reformador boêmio, os adamitas viviam aos redores do Monte Tabor, de onde foram expulsos pelos taboritas. Caminhavam nus em meio aos bosques cantarolando salmos e dedicando-se ao desapego extremado e à vida contemplativa, enquanto praticavam hodiernamente longas orgias. Afirmando estarem sob a inocência de Adão e Eva anterior ao Pecado Original enquanto caminhavam nus pelo Éden, os adamitas viam-se assim, totalmente livres em um milênio que ao que tudo indica, criam já estar plenamente estabelecido. Seus inimigos acusavam-nos de pecadores depravados, ladrões e assassinos. O próprio João Zizka ferrenho opositor do movimento dedicaria parte de seus esforços para caçar os adamitas. É curioso constatar que Comênio perseguirá com sua pedagogia o mesmo retorno ao estado natural do homem que propunham os adamitas. Evidentemente o código moral apregoado por Comênio não incluía andanças nuas por bosques, ainda assim, ambos partilhavam de uma mesma aspiração de regresso a pureza original do Éden.

Enquanto os taboritas condenavam-se à marginalidade, incorporando uma mentalidade que acabaria por levá-los a um declínio crescente, os hussitas de Praga, após terem algumas de suas exigências atendidas pelo clero católico, optaram pela comunhão com Roma.

Porém, parte do movimento reformista checo se declarou traído por seus líderes, abrindo caminho para a formação da Unidade dos Irmãos Boêmios de Comênio.

Muito mais longeva que qualquer outra facção religiosa checa, a nova igreja dos Irmãos sustentaria durante anos o sonho de independência política, cultural e religiosa do povo boêmio.

Fundada por volta de 1467 por Pedro Chelsicky, a igreja dos Irmãos se concentrava na área rural da Boêmia. Totalmente pacíficos, eram partidários de moral austera e apego irrestrito as Escrituras.

A seita dos Irmãos Morávios, organizada em 1467 sob o nome de Unitas Fratrum era uma das mais rígidas em doutrina e conduta: destacava-se pelo apego às Sagradas Escrituras, pela humildade e

pela profunda piedade, impondo a seus membros vida austera, com preces diárias e freqüente leitura da Bíblia.

Pacifistas, os Irmãos Morávios condenavam toda e qualquer forma de violência, especialmente a guerra e a pena de morte.

Por oposição ao costume da época, os Irmãos cultivavam o idioma checo como língua literária, em substituição ao latim, e produziram a primeira tradução completa da Bíblia para o vernáculo, a célebre versão de Králice (COVELLO, 1992, p.14).

Embora com algumas poucas semelhanças, sobretudo na prática litúrgica com o catolicismo, a Unidade afeiçoava-se, porém ao protestantismo, sobretudo, por estabelecer uma hierarquia eclesiástica própria e aferir nas Escrituras a única regra de fé, destoando da teologia católica embasada na dupla via *Bíblia/Tradição*. Acreditavam que um mundo sem leis civis seria possível e que o próprio paraíso terreno se instauraria como resultado final da pregação bíblica, iniciando-se um período de concórdia quando todos os homens aceitassem a fé cristã. Que outro objetivo perseguiu Comênio com a educação, senão as aspirações dos irmãos?

As posições defendidas por Comênio foram sem dúvida moldadas sob a influência direta da fraternidade. Entre os pressupostos básicos de sua pedagogia está infundir a mais profunda piedade cristã, a exemplo do pietismo dos Irmãos, bem como sua preocupação com os idiomas vernáculos e o acesso das pessoas simples à Bíblia, tendo produzido diversos escritos relacionados ao aprendizado das línguas.

A Unidade dos Irmãos só conheceria seu fim séculos mais tarde após intensas perseguições, decorrentes das guerras hussitas, sendo absorvida pela igreja Moraviana, hoje espalhada pelos quatro cantos do mundo sob a égide da Igreja Luterana. Não seria exagero afirmar sob esta ótica que a Unidade dos Irmãos ainda subsiste no universo cristão, ainda que limitada a um raio de ação evangelística diminuto, sobrevivendo como relíquia de enorme importância histórica para o panteão denominacional protestante.

1. 3 O mundo de Comênio: Introdução

O século XVII no qual Comênio desenvolveria sua obra foi marcado pelas grandes alterações ocorridas a partir da ascensão da burguesia e das mudanças trazidas no campo da ciência, embora ainda com diversos resquícios da mentalidade medieval. Diversos filósofos como Descartes, Bacon, e o próprio Comênio discutiriam o conhecimento humano segundo o método, estabelecendo ordenações e procedimentos pelos quais a razão poderia alcançar verdades científicas indubitáveis. Por isso este acabaria ficando conhecido como o “século do método”.

Em suas obras Comênio transita entre a ciência experimental e a metafísica, dando mostras do momento histórico em que viveu, conforme afirma João Luís Gasparin:

O fato de Comênio situar-se na intersecção entre o término do feudalismo e início da idade moderna explica bem suas ligações profundas com a religiosidade e o modo de pensar medievais, ao mesmo tempo em que expressa as apreensões originais que faz do novo mundo que está nascendo. Encontram-se nele, portanto, o velho e o novo, numa simbiose inseparável, onde as precedentes teorias de construção do conhecimento convivem com o experimentalismo (GASPARIN, 1997, p.63).

Este novo tempo no qual viveria o autor checo, se caracterizaria pela forte presença da racionalidade e a valorização das potencialidades humanas, aliadas ao crescente sentimento de liberdade individual burguês; um tempo em que a busca por um novo modelo de homem e a separação gradual entre os papéis atribuídos a religião e a ciência viriam a fomentar uma nova sensibilidade na relação entre o homem e as possibilidades universais de conhecimento.

A ciência, embora ainda convivendo com a alquimia, astrologia, cabala, hermetismo e diferentes tipos de esoterismos, caminha a passos largos e os maiores avanços possíveis são registrados a época. Os estudos físico-matemáticos aprisionam o cosmos na rigorosidade e exatidão dos números, enquanto a teoria *Heliocêntrica* desafia a igreja, ao afirmar, contra Ptolomeu e o profeta Josué que a terra não era o centro do universo. O relógio mecânico, a evolução da imprensa através dos caracteres móveis de Gutenberg e a passagem da ciência do estágio especulativo para a observação e

experimentação são outros marcos importantes do período, os quais Comênio apreenderá e introduzirá em sua obra.

No plano geográfico as grandes monarquias absolutistas nacionais parecem se delinear com relativa clareza, ao passo que as culturas nacionais emergem do obscurantismo feudal. Paralelamente, os avanços tecnológicos marítimos possibilitam as viagens de “descobrimento”, abrindo novas perspectivas de comércio e coroando a expansão do capital, enterrando vários pressupostos medievais.

Em meio a acontecimentos de tamanha amplitude, a cristandade abre espaço para a ruptura definitiva com o poder papal por meio da Reforma Protestante, ocorrida a 31 de outubro de 1517 em solo alemão, vindo a se alastrar em seguida por toda a Europa. Lutero, Calvino, Zwinglio e tantos outros que no melhor estilo humanista intentaram promover o regresso aos ideais da igreja primitiva, acabam por dar nova face ao cristianismo ao promoverem o cisma definitivo com Roma.

A completa mudança de paradigmas, aliada ao crescente desenvolvimento do sistema capitalista, ainda em uma espécie de estado embrionário neste período, trouxe consigo a perspectiva de um novo modelo de homem. Este novo homem humanista via-se agora como no auge de suas potencialidades e de sua liberdade.

Este movimento operado em última instância pela substituição da visão *Teocêntrica* medievalista, em que o homem representava um ser incapaz e restrito a sua inata condição pecaminosa, dá lugar a uma nova visão de homem, chamada de *antropocêntrica*. Segundo esta, o homem, ainda visto intrinsecamente ligado ao seu Criador, ganhava posição destacada como ator em sua própria história, capaz de encerrar enciclopedicamente todas as faculdades intelectuais, se tornando uma espécie de microcosmos em torno do qual o macrocosmos, Deus, se comprazia frente a sua criatura. Este seria o século do método, o século de Comênio.

1. 3. 1 Em meio ao paraíso checo nasce João Amós Comênio

Nascido em 28 de março de 1592 no povoado moraviano de Nivnice, nas cercanias de Uherský Brod, pertencente ao reino da Boêmia na Europa Central, João Amós Comênio viveu a maior parte de seus dias como um exilado errante. Vitimado seguidas vezes pelo falecimento de familiares e refém de perseguições religiosas, a obra de Comênio se torna um tanto mais admirável quando observadas as circunstâncias políticas e pessoais em que o autor desenvolveu seus escritos.

Socialmente imerso em um clima de intensa atividade religiosa, cedo Comênio se depara com a solidão e a dor da perda, somente superada por sua inabalável fé. Em 1602, com apenas dez anos perde o pai Martim Komenský, um destacado membro da congregação Unitas Fratrum, e dois anos depois, quando ainda tentava superar a perda de seu protetor, perde a mãe Anna e as duas irmãs Ludmila e Zuzanna, vítimas de uma epidemia. Sem seus progenitores, o jovem Comênio é acolhido pela tia Zuzanna Nosalová em Strážnice na fronteira com a Hungria e passa a estudar em uma das famosas escolas da Unidade dos Irmãos. Em 1611, após concluir o ensino regular em Prerov é enviado a universidade calvinista de Herborn, em Nassau na Alemanha para estudar teologia. Lá Comênio recebe a influência direta do genial Johannes Heinrich Alsted, de quem tomará de empréstimo o gosto pelo método didático analítico e pelo enciclopedismo. Em 1613 Comênio, após defender duas teses de doutoramento, viaja por Amsterdã na Holanda, se transferindo para a Universidade também calvinista de Heidelberg na Holanda. No ano seguinte, em 1614, defende a tese *De natura fidei iustificantis*, mesmo ano que se depara com as obras de Francis Bacon, cruciais para o desenvolvimento de sua filosofia. Ainda em 1614, Comênio retorna para a Boêmia, aonde se tornaria primeiramente professor e depois reitor da escola latina de Prerov. Dois anos depois, em 1616, é ordenado Pastor de União em 1618 se casa com Magdalena Vzvovská e se muda para Fulnek, cidade rural e de influência cultural alemã. Esta trajetória, até então meteórica e extremamente promissora, será interrompida, porém, por acontecimentos catastróficos para o reino boêmio. Sendo de fato o mais antigo palco da Reforma, desde muito cedo pode gozar de ampla liberdade religiosa em relação ao catolicismo romano.

Após o martírio de Huss e o levante popular, a Casa dos Habsburgo, chefe da Coroa Austro-Húngara teve de, contra sua vontade, tolerar a multiplicidade confessional Boêmia. Esse clima de paz ecumênica encontrará seu fim a partir do ano de 1617, quando um Habsburgo, o católico fanático Fernando II, Duque de Estíria (acredita-se que ele ordenava a celebração de duas missas diárias em sua corte) assume o reinado da Boêmia, após a morte do indulgente Rodolfo II e muda deploravelmente o curso histórico do território checo. No ano seguinte ao seu empossamento e no auge da Contrarreforma e da insuficiência da Paz de Augsburg, Fernando II ordenaria que os protestantes boêmios, forçosamente, se convertessem ao catolicismo sob pena de expulsão do país e confisco dos bens. Este seria o prenúncio do fim para o sonho comeniano de estabelecimento do Paraíso Checo.

Fernando II inicia sua implacável perseguição com o objetivo de acabar com a igreja nacional checa, coagindo de todas as formas seus súditos para que aceitassem a fé católica. Essa atitude fez com que velhas diferenças, aparentemente apaziguadas pela força do tempo, ressurgissem no solo boêmio.

O estopim dessa disputa ocorreu no dia 23 de maio de 1618, quando um novo episódio de violência deu início a um embate político- religioso que duraria três décadas com a Guerra dos Trinta Anos. Irritados com as medidas repressoras tomadas por Fernando II, os protestantes checos adotaram medidas extremas e violentas, conforme afirma Sergio Carlos Covello:

No dia 23 de maio de 1618, vários protestantes descontentes com a destruição de um de seus templos, invadem o palácio de Praga e atiram, janela abaixo, os representantes da Casa da Áustria ali reunidos em conselho. Este episódio, que passou para a história com o nome de “Defenestração de Praga⁶”, é considerado o marco inicial da Guerra dos Trinta Anos.

Os boêmios organizaram um governo provisório em seu país e ofereceram a coroa da Boêmia ao Eleitor do Palatinado, Frederico V, Chefe da União Evangélica. O eleitor considera a proposta um chamado divino e aceita o trono, após ter sido desaconselhado a fazê-lo. “Minha única finalidade – pondera – é servir a Deus e à sua

⁶ O autor Sergio Carlos Covello não diferencia a “Primeira Defenestração de Praga”, ocorrida em 1419 e que deu início às Guerras Hussitas, da “Segunda Defenestração de Praga”, ocorrida em 1618, e que deu início à Guerra dos Trinta Anos. Isso ocorre porque o termo é geralmente utilizado para designar o segundo acontecimento, ao qual o autor se refere.

igreja”. [...] No entanto, o sonho logo se desfez (COVELLO, 1992, p.30).

No ano de 1620 os protestantes são derrotados na Batalha da Montanha Branca e tem início no território uma implacável política de recatolicização forçada. O relato de Olivier Cauly dá mostras do excessivo rigor com que foram tratados os rebeldes hussitas boêmios:

Vinte e sete homens foram assim condenados à morte em 21 de Junho de 1621 por uma jurisdição especial. Entre eles encontrava-se o reitor da Universidade de Praga, Jan Jessenius [...] – arrancaram-lhe a língua antes de o decapitarem, esquartejarem e empalarem: uma advertência para aqueles que se servem dos seus discursos para alimentar as heresias.

[...] A execução durou quatro horas. Após o carrasco ter terminado a sua obra, recolheram-se as cabeças dos condenados em cestos para serem levados para a cornija da torre da cidade velha que domina a ponte Carlos. Ninguém veio desprender esses cestos de ferro até os saxões terem entrado na cidade em 1631 com os exilados checos que puderam, no período de alguns meses que durou a libertação de Praga, inumar solenemente os restos dos suplicados (CAULY, 1999, p.79-80).

O episódio acabara por delinear definitivamente os rumos do país. Líderes hussitas perseguidos e executados, templos e escolas protestantes destruídas e a quase completa supressão da cultura checa. O próprio Comênio, acusado de colaborar com Frederico V, além de perder sua família devido a uma epidemia, é obrigado a abandonar seu lar em decorrência de um incêndio criminoso que atingiu sua biblioteca e seus valiosos escritos. Deste momento em diante o destino de Comênio enquanto intelectual itinerante fora traçado e o pensador checo estaria fadado a viver definitivamente, longe de sua querida pátria. Ao final de todo o processo, “trinta e seis mil famílias saíram da Boêmia e da Morávia, fiéis às suas convicções. A população checa diminuiu oitenta por cento” (COVELLO, 1992, p. 31).

Nos anos seguintes, Comênio se dedicaria incansavelmente a dupla tarefa de dar continuidade a sua obra intelectual e ao mesmo tempo, tornando-se uma espécie de embaixador dos Irmãos Morávios, buscar refúgio para seu grupo religioso.

Por um breve espaço de tempo, Comênio foi, junto a seus companheiros de confissão, acolhido e protegido pelo nobre Carlos de Zerotin, que por não participar do levante hussita, obteve certa autonomia para abrigar os irmãos “hereges” boêmios. No entanto, a permanência dos Irmãos sob a tutela do nobre acaba por se tornar politicamente insustentável, e mais uma vez eles são obrigados a vagar em busca de abrigo, distantes da perseguição religiosa que sofriam.

Neste meio tempo em que esteve cativo em sua própria pátria, dependente dos caprichos de alguns nobres condolentes, Comênio editou a obra de caráter místico “O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração” (1623), na qual narra a saga de um viajante incansável, vítima de sua própria retidão ética. Como que prevendo o destino andarilho de seu autor, esta obra bela por sua singeleza e profundidade, suscita uma ampla reflexão sobre a própria condição humana, os limites de nossas escolhas, a ilusão de um mundo corrompido e a puerícia das paixões e ilusões temporais. Nela, Comênio trata com certa ironia e desprezo, o entendimento e o poder dos homens, tratados todos como vaidades insignificantes.

O viajante descrito por Comênio, que sequer possui nome, cedo se entrega aos cuidados de dois guias pouco confiáveis: Curiosidade e Engano. Do primeiro o Peregrino recebe um freio, enquanto do segundo um par de óculos. Munido dos dois objetos, os guias informam-no que deverá inevitavelmente enveredar por uma das profissões oferecidas no reino da rainha Sabedoria, também apelidada de Vaidade.

Durante todo seu percurso, o viajante se depara com os mais absurdos arquétipos sociais. Basta um olhar mais atento para perceber que tudo não passa de uma ilusão. Todas as pessoas, mesmo as mais dotadas de estima social, são na verdade disformes, e sua feiúra somente pode ser escondida por uma máscara, aceita socialmente como uma espécie de pacto, no qual todos, hipocritamente, concordam em não censurarem-se uns aos outros por seus estados mutuamente deploráveis.

Em sua busca, absolutamente nenhuma profissão parece lhe agradar. Entre os trabalhadores braçais se pergunta se seriam eles homens ou animais para suportar tamanha carga de trabalho, uma vez que acredita serem estes

obras superiores da Criação e seres destinados a eternidade. Entre os intelectuais relata à soberba e a inutilidade de certas querelas e entre os juristas questiona seus intermináveis sofismas. Sua oposição ferrenha a vaidade humana não poupa qualquer grupo: industriais, marinheiros, roza-cruzes, cristãos católicos e protestantes, judeus, muçulmanos, intelectuais, magistrados, reis e rainhas, e, sobretudo àqueles que oprimem sob qualquer forma ou pretexto a dignidade humana.

Esta anti-utopia é na verdade uma analogia tanto ao universo social de Comênio, sobretudo em relação ao território checo, quanto também uma referência quase que explícita ao livro bíblico de Eclesiastes. Nele, o rei judeu Salomão, conhecido por suas conquistas amorosas (acredita-se que o número destas tenham chegado ao campo dos quatro dígitos) e por sua proverbial sabedoria, relata suas angústias existenciais, que ao menos no plano subjetivo, pareciam-lhe suplantar as glórias e honrarias de um rei. Ambos os escritos relatam a fragilidade dos laços humanos, e o quão enganosos podem ser os caminhos daqueles que apostando todas as suas fichas no próprio entendimento, esforço, ou nas próprias posses, voltam-se de forma egoísta apenas para si, no afã de corresponderem dessa forma aos anseios e caprichos impostos socialmente. Porém, diferente da narrativa bíblica em que o rei se rende aos encantos de uma princesa oriental e se entrega a práticas religiosas estranhas ao judaísmo, no labirinto de Comênio, a Rainha Sabedoria é quem retira suspiros do rei. Mas qual não é sua surpresa ao constatar que ela na verdade era um ser repugnante, conforme segue o escrito:

E Salomão, estendendo a mão, agarrou e tirou subitamente o véu que cobria a cara da rainha, o qual, bem que parecesse ser coisa preciosa e resplandecente, mostrou-se que era apenas uma teia de aranha. E eis que a sua cara apareceu pálida e inchada, com algum rubor nas faces, porém artificial (pois em alguns pontos decaíam as crostas), as suas mãos eram cheias de lepra, e todo o corpo disforme, e fedor exalava de sua boca (COMENIUS, 2010, p.127).

Ainda assim, como seria de se supor, o rei cai nas mãos de uma mulher, não a rainha, mas uma comitiva feminina liderada por suas conselheiras Afabilidade, Lisonja e Volúpia. Coerente com o relato bíblico, o rei se deixa levar pela própria concupiscência e acaba traindo sua fé.

Diante do ocorrido, e da decepção do Peregrino que em seu andar pelo mundo sentiu-se sempre deslocado por onde passava, acaba por se reconfortar em sua fé, entregando-se a uma espécie de êxtase místico. Porém, o livro não denuncia ao seu fim o destino temporal do protagonista. Sem ser arrebatado ou qualquer coisa parecida, e de forma quase que melancólica, o Peregrino decide retornar ao labirinto do mundo e enfrentar sua malfadada jornada, porém, já sob a perspectiva da vida eterna. E é somente assim, no paraíso de seu próprio coração, que o Peregrino pôde encontrar o verdadeiro caminho para paz interior, no conforto de sua fé.

1. 4. Andanças pelo *labirinto do mundo*

Em 1625 Comênio refugia-se com os irmãos no vales da Silésia, região montanhosa entre a Alemanha e a Polônia, importante pólo econômico devido à extração de metais. Brevemente distante dos holofotes inquisicionais de Fernando II, Comênio recebe a incumbência de buscar abrigo para os irmãos nos países vizinhos. Na viagem de ida, um fato de certo modo excêntrico, o afetaria profundamente e despertaria com todo vigor sua inquietação religiosa. Ouvindo falar de um curtidor alemão de nome Cristóvão Kotter, Comênio muda rapidamente sua rota. Profeta, Kotter anunciava a breve libertação da Boêmia e a recondução de Frederico V ao trono, que havia fugido para Haia após a derrota na Montanha Branca. Não sem certa resistência inicial, Comênio paulatinamente convence-se de que aquilo que soava inicialmente como um absurdo tratava-se de uma manifestação verdadeiramente constituída por revelações. Envolto em crenças místicas e previsões apocalípticas, Comênio em momento algum negou sua incompletude e seu sentimento de esvaziamento, frente a um mundo que parecia ruir a sua volta e em que os valores humanos pareciam se dissipar gradualmente. A transcendência buscada por Comênio obrigava-o a se destituir de uma possível soberba catedrática e aceitar tais manifestações. Diversos relatos bíblicos alegam a existência de profetas e de manifestações Divinas por meio de pessoas simples ou excluídas socialmente, portanto, Comênio temia rejeitar esta prática, uma vez que a seu ver a própria razão estava em última instância condicionada ao pensamento revelado. Além disso, certa predileção por

práticas místicas desta natureza parecem remontar a própria formação da Igreja dos Irmãos Morávios, que em oposição a certo formalismo assumido pelo luteranismo e ao determinismo absoluto dos calvinistas, mantinha traços bastante claros de suas origens taboritas.

Em posse das profecias de Kotter de quem Comênio se tornaria amigo particular por longa data, estabelece importantes contatos no estrangeiro e ao retornar trata de divulgar entre os irmãos as animadoras profecias do sapateiro alemão. Embora estas jamais tenham se confirmado, motivaram-no a regressar, ainda no mesmo ano aos Países Baixos, a fim de apresentar as previsões de Kotter a Frederico II. Reclamando uma audiência junto a Frederico II, aceita sem resistência pela corte, Comênio é recebido com cordialidade, pois seu nome como intelectual já não era estranho nos grandes centros europeus. Porém, a empolgação de Comênio com as profecias não pareciam ser as mesmas de Frederico II, que as encarou com descrença e frieza, para decepção do teólogo checo. O ceticismo do rei se confirmaria no ano de 1628, quando os Irmãos são definitiva e oficialmente expulsos da Boêmia, vindo logo após a instalarem-se em Lezno na Polônia.

O período em que Comênio exilou-se na Polônia (1628-1641) foi aquele em que o autor firmou seguramente as principais bases de seu pensamento pedagógico e que marcou também uma de suas fases mais produtivas intelectualmente. No mesmo ano de sua chegada, Comênio dá início à redação da Didática Checa (obra concluída em 1632), onde estabelece boa parte dos parâmetros e técnicas educacionais atuais. A obra, que pode ser entendida como uma espécie de protótipo da Didática Magna pretendia fornecer um método definitivo e seguro baseado na ordem da natureza, além de defender pioneiramente a democratização do ensino, como um direito social. Neste momento inicial de sua estadia na Polônia, Comênio ainda sonhava com um retorno triunfal à Morávia, e acreditava que por meio de um forte sistema educacional, capaz de desenvolver e aprimorar a racionalidade e o senso ético de seus concidadãos seria possível restabelecer a paz religiosa no território checo.

Em seguida, Comênio escreve as obras “Guia da escola materna” (1628), que trata da importância das mães e das amas no processo

educacional na primeira idade e uma de suas obras primas, a “Porta aberta das línguas” (1631), que em pouco tempo se torna grande sucesso internacional por apresentar um método rápido e fácil de aprendizado do latim. Ainda dessa época datam uma série de escritos sobre temas que variam entre meditações, catecismos, apologética e física.

Porém, angustiado com os desvarios e intolerâncias humanas, e já percebendo que o trágico destino da nação boêmia condenaria-o a viver definitivamente no estrangeiro, Comênio decide se dedicar ao aprimoramento humano, e não mais se restringindo a sua pátria nativa, amplia suas pretensões didáticas e filosóficas. Traduz então sua Didática Checa para o latim. Realizando algumas reformulações técnicas em relação à versão anterior de seu escrito transforma-o em Didática Magna (1657)⁷, apresentando ao mundo “a arte universal de ensinar tudo a todos”.

No momento de sua redação, Comênio já passara a se empenhar em seu ideal pansófico de saber total, e acreditava ter encontrado talvez não apenas um método definitivo, mas também bases epistemológicas definitivas, necessárias a reformulação do pensamento e conseqüentemente as relações humanas em âmbito global. Por isso o adjetivo “Magna”, indicativo da grandeza que o autor acreditava ter descoberto em seu método, conforme afirma Sérgio Carlos Covello:

Seu propósito, na verdade, é transformar o labirinto do mundo em uma sociedade cristã, onde em lugar de trevas haja luz, em vez de desordens, ordem excelente, em lugar de desassossego, tranqüilidade, contentamento, alegria, liberdade e segurança.

É já nesse livro que lança a ideia de uma reforma da sociedade com base na educação, chamando sua doutrina de *pansofia*, isto é, saber universal. Trata-se de empregar a educação como instrumento de transformação do mundo, fazendo com que o educando viva consciente de ser “a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas e empreenda todos os meios para atingir a perfeição, consistente em modelar-se à imagem de Deus” (COVELLO, 1992, p.46).

Nos anos seguintes, Comênio se dedicaria incansavelmente às obras educacionais, pois acreditava que por meio da educação seria possível aos

⁷ Embora só tenha sido publicada oficialmente em 1657 como parte de uma obra maior, a “*Opera Didactica Omnia*”, versões da Didática Magna passam a circular entre 1633 e 1638.

homens aprimorarem- se do ponto de vista ético e assumirem sua real condição humana, despertando e aprimorando sua essência racional.

A singularidade de sua filosofia desperta a atenção de um grupo de intelectuais ingleses, liderados pelo filantropo Samuel Hartlib. Após diversas trocas de correspondências, Comênio embarca para Londres em 1641. Recebido com pompas de rei pela intelectualidade britânica, é convidado a desenvolver seu ideal pansófico em solo inglês. Para isso, Comênio pensava em transformar o país da Rainha em um centro científico mundial, capaz de irradiar as luzes da razão pelo mundo ocidental. Para tanto, Comênio pretendia fundar o *Colégio das Luzes*. Uma espécie de órgão internacional em assuntos referentes à educação, inspirado na *Casa de Salomão* de Francis Bacon⁸. No entanto, agitações políticas internas fizeram com que o plano fosse abortado. Não mais enxergando razões para permanecer na ilha, Comênio deixa o país em 1642. Após diversos convites, dentre eles o de assumir a reitoria da universidade de Harvard, Comênio se decide pela Suécia. A decisão na verdade possuía maiores contornos políticos do que propriamente filosóficos, uma vez que o país escandinavo era uma das grandes potências protestantes e Comênio pretendia angariar apoio a causa checa. No entanto, um encontro bastante peculiar ocorreu a caminho das terras suecas.

1. 4. 1 Discussões sobre o método: encontro com René Descartes

Longe do solo inglês e a caminho da Suécia, em 1642 Comênio se dirige junto com a comitiva que o acompanhava a Haia, na Holanda. Lá residia a rainha Isabel da Boêmia além de diversos membros da corte checa expatriados, com quem acredita-se, Comênio pretendia se encontrar.

Desfrutando de grande prestígio e admiração nos Países Baixos, sobretudo por seus manuais escolares e por seus trabalhos pansóficos, é convidado por amigos em comum a realizar uma visita a ninguém menos que René Descartes. Nesta época o autor do *Cogito* residia na cidade de Leida e fala-se que raramente aceitava receber visitas, mesmo de ilustres filósofos.

⁸ BACON, Francis. **Nova Atlântida**. Trad. e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Col. Os pensadores.

Reunidos por mais ou menos quatro horas, os dois discutiram a base de suas filosofias, ressaltando suas aproximações e distanciamentos. Intelectuais do método, ambos acreditavam na ordenação do conhecimento e apontaram a necessidade de reformas urgentes no método científico, apresentando modelos de pensamento que se pretendiam universais. Porém suas disposições contrárias se iniciam com a consideração distinta entre ambos para a religião. Enquanto Descartes manteve a radical separação entre religioso e secular, e atribuiu puramente à razão papel sobre o estabelecimento das verdades científicas, Comênio permaneceu fiel a sua convicção cristã e a crença no pensamento revelado, não dicotomizando religião e ciência, além de atribuir importância vital ao conhecimento advindo dos sentidos; enquanto “Descartes preocupou-se apenas com o intelecto, Comenius foi além, preocupando-se com as emoções e com a alma” (COVELLO, 1991, p. 63).

As divergências irreconciliáveis entre eles, não foram capazes, porém, de minimizar a admiração recíproca entre estes dois gigantes do pensamento ocidental. Escritos posteriores de Descartes demonstram que, embora o pensador francês tenha rejeitado veementemente a pansofia comeniana, não deixou de reconhecer a grandiosidade intelectual e humana de seu mentor.

1. 5 As estadias de Comênio na Suécia e na Hungria e o retorno a Lezno

Desapontado com o desfecho de sua incursão inglesa, Comênio chega em 1642 à Suécia. Acolhido pelo magnata Luís de Geer, de quem receberia mensalmente altas somas em dinheiro, utilizados para sua manutenção e a das comunidades de exilados checos, Comênio se estabelece com a família na cidade de Elbing, que ironicamente era uma cidade alemã fronteiriça sob o domínio da Suécia. Após sua instalação, Comênio apresenta seu projeto de reforma universal ao chanceler sueco Oxenstiern, que não conseguindo ver muita serventia prática nos trabalhos pansóficos, obriga o gênio checo a se ocupar a contragosto com a redação de manuais escolares e organização de escolas. Embora insatisfeito por sua ocupação mais pragmática do que contemplativa, Comênio aproveita a calma da pátria sueca para aprofundar seus estudos.

Após seis anos de relativa calma e percebendo que pouca ou nenhuma atenção a corte sueca prestava a causa checa, Comênio retorna a Lezno em 1648. Junto aos irmãos, tenta decidir os rumos a serem tomados pela congregação após a Paz de Westfália, que decreta o fim definitivo do sonho de reconhecimento do protestantismo boêmio. Também neste ano Comênio perde sua segunda esposa, Dorothea, que lhe deixa cinco filhos, entre eles três ainda pequenos.

Após contrair novo matrimônio com Johana Gajusová e se tornar o bispo geral dos Irmãos em 1649, Comênio se transfere para Sárospatak na Hungria a convite do príncipe Rákóczi em 1650. Porém, mal recebido pela nobreza que não via com bons olhos sua proposta de democratização do ensino, e incompreendido pelos professores que muitas vezes se recusavam a utilizar seu método, decepcionado, Comênio se retira do país quatro anos mais tarde, em 1654.

Novamente a Lezno, naquela que seria sua última estadia na Polônia, Comênio se envolve em uma polêmica que por pouco não lhe custara à própria vida. Neste mesmo ano ascende ao trono da Suécia Carlos Gustavo (Carlos X), determinado a praticar uma política expansionista, sobretudo sobre terras dominadas pelo catolicismo. Comênio viu-se então em uma situação delicada, tendo em vista que ele e boa parte dos irmãos eram exilados protestantes tolerados em solo católico: apoiar ou não a coligação protestante que se formava em torno da Suécia? Acabando por optar pela segunda alternativa, manifesta abertamente seu apoio as possíveis invasões. No ano de 1655 Carlos Gustavo se dirige com suas tropas para a Polônia, invadindo parcialmente o país, que ainda no mesmo ano efetua o contragolpe, derrubando as aspirações do invasor. Comênio que tinha dirigido um escrito ao rei sueco, apoiando efusivamente sua incursão no país polonês, é acusado de traição pela nobreza católica, que, indignada, incendeia a cidade de Lezno. Comênio perde todos os seus bens (inclusive sua preciosa biblioteca) e é obrigado a fugir. Completamente pobre, doente e já com idade avançada, Comênio é obrigado a buscar novo refúgio no exterior. Enquanto isso, os Irmãos Boêmios se dispersam por vários territórios, para finalmente desaparecerem alguns anos mais tarde.

1. 6 O descanso final na Holanda

Convidado por Laurent de Geer, filho de seu já falecido mecenas Luís de Geer, prontamente Comênio aceita aportar novamente nos Países Baixos. Instalado com sua família em uma casa confortável em Amsterdã e sem preocupações financeiras, Comênio dedicará seus últimos anos a promover a divulgação da paz como um dever ético universal.

Publica em 1657 um enorme compêndio chamado de *Ópera Didactica Omnia*, reunindo textos de mais de trinta anos de intensa produção. Paralelamente desenvolve sua obra máxima, a *Consultatio catholica de rerum humanarum Emendatione* (Consulta universal sobre o melhoramento dos negócios humanos), iniciada ainda nos seus tempos na Suécia.

Constituída de sete livros que tratam do conhecimento pansófico, a obra se divide entre:

1ª Panergesia: apologia a paz mundial;

2ª Panaugia: constituição de um método universal para aplicação da pansofia;

3ª Pansofia: tese do saber universal;

4ª Pampaédia: escrito sobre a educação universal, apresenta os mesmo aspectos da Didática Magna, porém, com a noção de universalidade pedagógica novamente ampliada;

5ª Panglotia: projeto de uma língua universal; inspirou a criação do *Esperanto*;

6ª Panortosia: idealização de uma nova organização social, política e religiosa, baseada na harmonia proporcionada pelo pensamento pansófico;

7ª Panuthesia: exortação universal para que os homens ajam em prol de uma nova sociedade mundial, pacífica e racional.

Sem forças e gravemente enfermo devido a uma doença misteriosa, no fatídico dia de 15 de novembro de 1670, morre João Amós Comênio, em território holandês, sendo enterrado na Igreja Valônica de Naarden.

Tendo transmitido ao futuro um grandioso legado pedagógico, como poucos, Comênio foi capaz de analisar a essência humana em toda sua complexidade; e embora raramente tenha recebido as devidas honrarias por seus grandes feitos, a essência de sua didática permanecerá sempre atual, assim como as virtudes das grandes almas.

CAPÍTULO 2

Comênio e a arte universal de ensinar tudo a todos: uma proposta ética para um mundo em ruínas

2. 1 A natureza como espelho

Intelectual característico do século XVII, o pensamento de Comênio é marcado pela tensão constante e aparentes contradições entre categorias de pensamento bastante conflitantes, gerando sínteses filosóficas um tanto inesperadas. Esta aparente confusão torna sua filosofia por vezes envolta de pontos nebulosos, os quais se explicam pela sua propensão metafísica. Por influência de Bacon, vê a natureza como modelo de desenvolvimento, no qual tudo se desenvolve analogamente. A própria escola idealizada por Comênio deve seguir em tudo a natureza, não fazendo nada além de estabelecer sua ordem natural por meio do método. A tarefa da escola seria então se adequar para adequar o educando a uma ordem evolutiva inexorável na natureza, conforme assevera o próprio autor:

[...] Está claro que essa ordem que desejamos como idéia universal da arte de ensinar e de aprender tudo só pode ser extraída da escola da natureza. Feito isto, as coisas artificiais ocorrerão com facilidade e espontaneidade, assim como ocorrem com facilidade e espontaneidade as coisas naturais. Cícero afirmou uma verdade ao dizer que, “se seguirmos a orientação da natureza, nunca poderemos errar” e “tendo a natureza como guia, não é possível errar”. Esperamos que, observando o modo como a natureza procede para fazer isto ou aquilo, sejamos convencidos a proceder de modo análogo (COMENIUS, 2006, p.131).

Embora em sua Didática Magna Comênio apresente um receituário específico para cada disciplina proposta a partir de seu plano pedagógico, todos os métodos se fundam em uma única certeza: a natureza. Assim, não se trata de ensinar todas as coisas da mesma forma, mas de submeter às diferentes formas de ensinar todas as coisas ao crivo da natureza.

É interessante notar que as constantes (e por vezes cansativas) analogias citadas por Comênio para explicar o desenvolvimento, evoluem de elementos brutos na natureza, ou mesmo do movimento dos astros, da cera da abelha ou do desenvolvimento de animais silvestres, para os mais modernos

aparatos tecnológicos disponíveis em sua época. Sua escola pretende estabelecer a ordem do relógio e imprimir, tal como uma tipografia, conteúdos necessários às mentes das crianças. Embora soe inicialmente contraditório, essa é uma marca característica do pensamento do teólogo tcheco. Para Comênio a natureza integra-se em um todo ordenado e harmônico (desestabilizado pela ação pecaminosa do homem), do qual a arte (subentenda-se tecnologia) constitui-se enquanto natureza, como parte desse processo, iniciado a partir de um impulso evolutivo retilíneo, começado por Deus. A ideia de natureza ganha historicidade, conforme afirma João Luiz Gasparin, ao comentar a especificidade do conceito para Comênio:

É evidente que não se trata da natureza em si que é eleita como modelo de educação humana, mas o conhecimento acumulado pelo homem sobre ela. Como o homem conhece mais e melhor a natureza do que a si mesmo, toma-a como norma para a explicação e o conhecimento de si próprio. Não é, portanto, a natureza “natural” que é assumida pelo homem como exemplo a ser imitado, mas a natureza “social”, a natureza como um produto histórico gerado pelo próprio homem. [...] Neste sentido pode-se dizer que o homem não imita a natureza, mas imita a si mesmo, uma vez que se projeta na natureza que lhe serve de espelho (GASPARIN, 1994, p.78).

Esta natureza pode ser desvelada parcialmente pela observação empírica. Parcialmente, na medida em que a essência da matéria não é possível de ser captada.

Ao admitir o método empírico indutivo (também por influência manifesta de Bacon), Comênio o faz sem romper com a fé. Embora ele admita a existência do mundo físico não como um mero composto de ideias ao afirmar que “as coisas existem em si mesmas, independente de sua relação com o pensamento ou a linguagem” (COMENIUS, 2006, p. 345), defende porém que as sensações, ao se apoiarem na razão humana, são passíveis de falhas:

[...] Se alguém quisesse realmente apreender a essência das coisas por meio de longa observação e repetidos experimentos, tudo isso seria trabalhoso, além de incerto e inseguro (de fato, com tanta complexidade, muitas coisas podem escapar mesmo à atenção da pessoa mais atenta, e um só erro implica a incerteza de toda a observação) (Ibid, p.132).

Portanto, a pura observação empírica é incapaz de fornecer certezas absolutas sobre algo. Comênio reserva este lugar à revelação divina.

Existe em Comênio uma hierarquização triádica do conhecimento. Ele se inicia com o conhecimento advindo das sensações, sobre as quais a razão cumpre as funções de regulação e correção. Mas, dada a própria limitação do homem em conhecer, as verdades reveladas cumprem a última etapa deste processo, se assentando sobre as duas outras instâncias, uma vez que “quando um sentido falha ou se engana (*aut déficit, aut aberrat*), a razão atenua o seu erro e corrige-o (*supletur a corrigitur a ratione*). A revelação desempenha o mesmo papel relativamente à razão” (COMENIUS apud CAULY, 1999, p. 148).

Tal afirmativa de Comênio se estabelece por sua visão idealista. Embora ele afirme princípios empíricos, estes, em última instância tem a função de afirmar uma verdade que não é palpável. A natureza de Comênio é em sua totalidade não mais que um signo a ser desvelado como manifestação da Criação⁹. Assim, Comênio figura a natureza junto à Bíblia e a própria consciência como provas da existência divina.

2. 2 Ensinando tudo a todos totalmente: a Pansofia

Outra característica marcante do pensamento comeniano é sua empreitada não só em relação à reforma do método, mas também da superação da própria filosofia por um modelo de pensamento complexo, nascido da fusão entre ciência, filosofia e teologia. A esse modelo de pensamento, Comênio denominou “Pansofia cristã”.

Comênio intentava barrar o rápido avanço da filosofia de Descartes e sua tendência para a superespecialização. Ele temia que isso gerasse um confinamento das ciências a círculos fechados, e que esta se distanciasse de sua função social. Mais que isso, Comênio queria reintegrar as ciências à filosofia, sob a égide da teologia, num movimento semelhante àquele das três faculdades do conhecimento. Ele acreditava que a ênfase exagerada no poder subjetivo da razão poderia levar ao orgulho intelectual e ao conseqüente desprezo pelo sagrado. A jornada da vida, uma jornada educativa por excelência (por isso Comênio sempre defendeu o princípio da educação

⁹ CF. Salmo 19, 1- 6.

permanente e integral), deveria ser encarada como um estágio intermediário, em um grande mundo de representações do próprio Deus que se mostra de forma una e harmônica, tal como o mistério cristão da Trindade que não pode se dissociar em três pessoas, mas no qual três pessoas formam uma unidade. Da mesma forma, esse mundo que é prova da existência do próprio Deus, não pode ser visto senão pela análise do conjunto.

Esta nova ciência universal pretendia estabelecer-se sobre três bases: Deus (o maior dentro da hierarquia), natureza e a arte (conhecimento historicamente acumulado). Estes dois últimos campos formariam sob a autoridade do primeiro uma unidade, responsável por abarcar todos os campos do conhecimento humano, traduzindo-se em linguagem metafísica revelada. Conforme afirma Olivier Cauly:

[...] A criação é pensada como revelação de Deus, ou seja, como representação numa imagem projectada de si para o exterior. [...] Assim, se fundamenta um sistema de correspondência que abarca a totalidade: as coisas estão inicialmente em Deus enquanto modelos originais (ideias ou arquétipos), seguidamente na natureza como marca visível deixada por essa forma e, finalmente, na arte como reprodução daquilo que é figurado na natureza. Este sistema é uma harmonia universal (*pan- harmonia*) onde Deus, a natureza e a arte deste teatro febril da ciência, onde cada um desenvolve a sua partitura para si mesmo (CAULY, 1999, p.216).

A Pansofia afirma de tal forma o ideal enciclopédico de “ensinar tudo a todos totalmente”, fundamental na teoria educacional comeniana. Se o homem faz parte de um todo complexo que não pode ser entendido de forma dissociada, logo deve ser formado em todas as coisas. Além disso, o homem também carrega da partilha divina uma imagem de seu arquétipo o qual lhe confere tal capacidade. Conforme afirma Comênio:

Todo o homem nasceu com a capacidade de adquirir a ciência das coisas, antes de mais nada porque é imagem de Deus. De fato, a imagem, se acurada, representa necessariamente as feições do arquétipo, ou não seria imagem. Portanto, uma vez que entre as outras propriedades de Deus sobressai a onisciência, necessariamente algo de semelhante resplandecerá no homem (COMENIUS, 2006, p.58).

Obviamente Comênio entende que não é possível encerrar todos os conhecimentos na mente humana, mas fornecer fundamentos básicos gerais

para que nada fosse totalmente estranho ao homem, e para que este pudesse descobrir e desenvolver sua essência prática e subjetiva.

2. 3 Quem é o homem para Comênio?

Na filosofia comeniana alguns elementos chave formam a visão de homem do autor. João Luis Gasparin aponta que estes “se expressam nas direções conceituais criacionista, naturalista- evolutiva, empirista e mecanicista” (GASPARIN, 1997, p. 61). A seguir pretendemos expor como cada um destes tópicos se interligam para formar sua visão de homem, formando e dando base para o conjunto de suas teorias.

Inicialmente, não podemos perder de vista dois elementos insistentemente comentados: o forte contexto religioso no qual estava mergulhado Comênio desde sua infância e o momento histórico em que se encontrava o pensamento ocidental no desenrolar de sua obra. Disto retêm-se como elementos principais a influência religiosa cristã e as mudanças de paradigmas ocorridas a partir do Renascimento europeu. Por isso, podemos afirmar que Comênio apresenta um visão humanista cristã sobre a natureza humana.

O homem comeniano, como é óbvio se supor, parte da premissa criacionista, relatada no livro bíblico do Gênesis. Portanto o homem é considerado pelo autor como obra de um Deus, destinado a partilhar com este sua natureza divina num pós-vida. Mas ao passo que este homem criado a imagem e semelhança de seu Criador é encarado como o mais excelso dentre todos os seres vivos, proporcional é seu infortúnio após a *Queda* de seus primeiros ancestrais no Éden.

Mas ai! Que grande desventura a nossa! Perdemos o Paraíso de delícias corporais, onde estávamos, e no mesmo instante perdemos o Paraíso de delícias espirituais, que éramos nós mesmos. Lançados na solidão da terra, reduzimo-nos a solidão e a deserto tétrico e triste. Fomos ingratos com aqueles bens com os quais Deus nos havia suprido em abundância no Paraíso, para o corpo e para a alma: portanto, fomos justamente despojados de uns e de outros, e nossa alma e nosso corpo ficaram expostos à dor (COMENIUS, 2006, p.22).

Por hereditariedade toda espécie humana estaria a partir do *Pecado Original*, sentenciada, tendo perdido sua natureza santa e harmoniosa. No entanto, diferente da cristandade medieval, este homem, “a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas” (Ibid, p. 41) ainda mantém intacta sua dignidade enquanto obra suprema. Comênio afirma nesta perspectiva que o homem é:

I. uma criatura racional: aquela que domina intelectualmente todo o universo circundante, compreendendo os fundamentos de todas as coisas ;

II. uma criatura senhora das criaturas:

 Ser criatura senhora das criaturas significa agir em benefício próprio, dispondo tudo segundo fins legítimos: salvaguardar a dignidade recebida comportando- se em toda parte como rei das criaturas, ou seja, de modo grave e piedoso (reconhecendo que acima de si só há o criador, que deve ser adorado, e os anjos do Senhor, que, juntamente com o homem, são servidores de Deus, pares seus, e que as outras coisas estão bem abaixo de si); não se sujeitar a nenhuma criatura, muito menos à própria carne, mas servir- se livremente de todas; saber onde, quando, como e até que ponto usar cada coisa com sabedoria; onde, quando e até que ponto satisfazer o corpo; onde, como, quando e até que ponto ser condescendente com o próximo. Numa palavra, poder moderar com sabedoria movimentos e ações externas e internas, próprias e alheias (COMENIUS, 2006, p.54);

III. uma criatura feita à imagem de seu criador e para seu deleite: significa ao homem seguir rumo ao destino para o qual foi criado, seguindo os passos do Cristo em fé e obras. Portanto, o homem vive o constante dilema entre sua queda, sua natureza anterior a este fato e a natureza divina, do qual partilha e lhe garante a salvação.

 É a partir desta contradição que se desenha a visão de homem comeniana. Embora o homem a princípio seja uma criatura afastada de Deus por força de sua condição inata, é por esta sua mesma filiação portador da mais alta dignidade frente a seus semelhantes, e protótipo imperfeito de seu arquétipo, de quem possui em menor grau as qualidades naturais que o caracterizam. Em conformidade com a posição humanista, o homem é considerado pelo autor um microcosmo, em torno do qual o macrocosmo (Deus) encontra seu “Paraíso de delícias”.

Comênio compreende que três são as qualidades inatas necessárias para tal empreitada: a instrução, as virtudes e a religião. Estas existem em potência e devem ser desenvolvidas como qualidades necessárias ao aprimoramento humano.

Comênio afirma que estas “sementes” existem no homem como forma de recuperar sua verdadeira natureza, que é aquela anterior ao pecado primeiro. Neste sentido o homem deve, nesta ordem, desenvolver-se intelectualmente, avançando de uma boa educação para um comportamento, moral e virtuoso, culminando natural e necessariamente no último estágio terreno, o religioso. Por fim, “já que a vida presente não é tanto vida, mas caminho para a futura” (COMENIUS, 2011, p. 8), o homem seria conduzido harmoniosamente ao seu fim teleológico, o regresso ao Paraíso.

No rastro de Aristóteles Comênio segue a famosa inferência empirista de que a mente humana é uma “tabula rasa”, depositária de informações e registros. Assim, “nada nasce conosco” (COMENIUS, 2006, p. 73), devendo às sensações o papel de formação do intelecto, conforme afirma Comênio:

E como no intelecto nada se encontra que antes não tenha passado pelos sentidos, é só dos sentidos que a mente recebe a matéria de todos os pensamentos, e o ato de pensar realiza-se através da sensação interna, ou seja, com a reflexão sobre imagens abstratas das coisas (Ibid, p.140).

Seguindo a posição sensualista Aristotélica, Comênio concorda que “no homem é natural o desejo de saber e também de enfrentar (e não apenas de suportar) os esforços que isso implica” (Ibid, p. 60), de forma que todo o homem é conduzido naturalmente para a harmonia universal, desde que para tal fim seja utilizado o método apropriado.

Por fim, o último elemento constitutivo da visão de homem comeniana se encontra em sua concepção mecanicista.

Como é fácil deduzir, para o autor o homem não é um simples ser vivente, mas um corpo portador de uma alma, “composta por três faculdades (que correspondem à Trindade): intelecto, vontade e memória” (Ibid, p. 96). Este corpo animado pela alma é descrito na Didática Magna em constantes analogias com diversas máquinas, comparando o funcionamento do corpo

humano com os mecanismos como o do relógio, em um de seus exemplos mais emblemáticos, ou em seu exemplo da didacografia, deixando clara suas influências.

2.4 Ética comeniana: elementos constitutivos

Ao propor-mos a investigação dos princípios éticos presentes na obra comeniana, alguns referenciais são de extrema importância configurando parte importante de seu pensamento.

Acreditamos que não obstante Comênio esteja presente, direta ou indiretamente e positiva ou negativamente em grande parte daquilo que se refere à educação hoje, seu sistema ético é ainda um ponto a ser desbravado, de modo que o entendimento deste se faz necessário no intuito de melhor compreender as bases de sua obra educacional. Obviamente, sua correta interpretação e relação com o presente passam pela contextualização histórica. Neste sentido, procuraremos seguir as recomendações de Piaget quando este adverte em um artigo escrito a pedido da UNESCO em 1922 sobre o autor tcheco na ocasião do quarto aniversário de seu nascimento que “nada mais fácil – ou mais perigoso – que tentar modernizar um autor de três séculos atrás e buscar nele as origens de tendências contemporâneas ou recentes do pensamento” (PIAGET, 2010, p. 12). Neste sentido, nosso esforço se dirige no presente capítulo às bases do sistema ético comeniano contido na Didática Magna, a partir das quais analisaremos sua ética estritamente educacional em momento posterior, sempre com a preocupação de localizá-la temporal e espacialmente.

Por isso é importante identificar inicialmente as influências de Comênio em seu próprio contexto de vida. Dada sua própria vivência, no plano ético-moral, as posições defendidas por Comênio foram moldadas em grande medida sob as aspirações da Unidade dos Irmãos Morávios, sendo esta naturalmente uma de suas grandes influências. O grupo religioso se caracterizava por pregar uma reta conduta prática, valores morais bastante rígidos, além de idealizarem utopicamente um mundo sem leis humanas e nem propriedade privada. Acreditavam que na medida em que as pessoas se

regenerassem de forma quase que simultânea por meio da religião e assumissem como valores primordiais a piedade e solidariedade entre todos os povos, passaríamos a viver em uma grande comunidade mundial.

Comênio é muito enfático ao dirigir seu modelo educacional aos cristãos, afirmando que estes “devem ser formados segundo o modelo de Cristo, tornando-se iluminados na mente, santos pelo empenho da consciência, poderosos pelas obras (cada um segundo sua própria vocação)” (COMENIUS, 2006, p. 100). Comênio segue a principal prerrogativa do ensino dito tradicional ao dar ênfase à transmissão de valores morais, seguindo o modelo de homem santo e culto personificado na figura do Cristo. Não sem razão sua pedagogia terá como pressupostos básicos a formação da virtude, devendo corresponder a esta “não só a correção do comportamento externo, mas o equilíbrio interno e externo dos movimentos da alma” (Ibid, p. 55) e a difusão do sentimento religioso, ou seja, da piedade, definida como “a interna veneração com que o espírito humano se liga e se vincula à divindade suprema” (Ibid, p. 55). Neste intuito se dedica o capítulo XXIII da Didática Magna ao “Método de ensino da moral” e o capítulo XXIV ao “Método de infundir a piedade”.

Ao analisarmos as bases do sistema ético implícito em sua filosofia, a afirmação do pesquisador David Hamilton (1993) sobre a filiação ideológica comeniana nós dá pistas sobre a fundamentação teórica de seu sistema ético. No artigo “Comênio e a Nova Ordem”, o autor inglês defende a ideia de que o objetivo principal de Comênio seria aquele de “moldar” as gerações nascentes ao recente sistema sócio-econômico capitalista, promovendo uma escola não do pensamento, mas da instrução moral, responsável por adequar a população européia ao nascente sistema. Embora entendamos neste escrito, que Comênio era um homem por demais medieval para que suas premissas fossem muito além do campo religioso ao contrário do que pretende demonstrar o artigo, a afirmação que se segue chama nossa atenção:

A Didática Magna foi um texto neo-estóico porque se constitui em um trabalho de política. Ela assumiu uma postura instrumental em relação ao ensino e à aprendizagem. Os interesses de Comênio foram não só enciclopédicos, mas também se estenderam à esperança de que o ensino e a aprendizagem poderiam ser reorganizados com “tal certeza que os resultados desejados deviam necessariamente seguir-se” (HAMILTON, 1993, p.15).

O trecho acima merece especial destaque dentro da proposta que seguimos, pois concordamos com David Hamilton quando este aponta para a filiação neoestoica de Comênio.

O neoestoicismo se define a partir de uma visão não- dualista e determinista do universo, sendo este visto como uma enorme cadeia de causas e efeitos, regidos por uma força superior. Dentro deste emaranhado de relações, o homem sábio se predispõe em favor da “universal providência de Deus, ou seja, o influxo incessante de bondade divina, que obra tudo em todos, realizando em cada criatura aquilo para que a destinou” (COMENIUS, 2006, p. 57), rumando assim para o fim metafísico ao qual já haveria sido previamente determinado.

Este pré-ordenamento é, no entanto, afetado pelas paixões, que acabam por desviar o homem do seu fim, impondo-lhe necessidades tanto da ordem física quanto moral. O estoicismo clássico, bem como o neoestoicismo carregado de influências cristãs, defende “que o que nós chamamos paixão é uma condição mórbida e desordenada da alma racional, que envolve julgamento errôneo sobre o que será buscado ou evitado” (SIDGWICK, 2010, p. 85- 86). O sábio é visto então como aquele que desviando-se das paixões, por meio da ascese dos desejos e do aprimoramento moral e intelectual, pode se manter aquém de suas próprias necessidades. Desta forma, a sapiência (que pode ser também entendida neste caso como auto-controle ou firmeza moral) permite àquele que a possui, alinhar-se ao seu universo circundante, porém, sem fazer parte efetivamente dos valores socialmente compartilhados. Freando os desejos físicos, o homem moral torna-se naturalmente um sábio, a fim de encontrar por meio da racionalidade aquilo que é considerado o bem em si, que no caso de Comênio corresponde ao fim escatológico do homem.

Consideramos por fim, que isso explica o motivo pelo qual Comênio se remete exaustivamente a Sêneca na Didática Magna ao inferir juízos morais sobre questões de educação.

Uma vez que, conforme defendemos, Comênio se configura como um filósofo neoestoico, como se apresenta para ele a questão da liberdade humana? Quais seus limites, uma vez que ele parte de uma suposição determinista?

Poder-se-ia supor que Comênio assume assim a mera resignação como valor absoluto, no entanto, a posição assumida por Comênio caracteriza-se por uma atitude de estranhamento do mundo e de ação transformadora (entendida esta nos limites da mentalidade de seu tempo).

A teologia pregada por Comênio se aproxima do antigo heresiarca Pelágio da Bretanha, grande inimigo de Agostinho de Hipona, com quem travou grande embate acerca do *Livre- arbítrio*. Segundo o monge da Bretanha, “a natureza humana é totalmente boa e pode praticar o bem mesmo sem o auxílio da graça” (ELIADE, 1999, p. 107- 108). Sobre isto, Edson Pereira Lopes afirma:

Comenius está mais próximo de uma concepção pelagianista ou semipelagianista [...] visto que afirma que, em nós, foram deixadas as “raízes” para o retorno ao Paraíso, e por extensão a Deus. Ainda [...] enfatizará que o pecado enfraqueceu as forças internas do homem, mas não as extinguiu (LOPES, 2003, p.152).

Para Comênio, o processo de acesso a “Nova Jerusalém” passa necessariamente pela participação ativa do homem, motivo pelo qual se distancia da teologia de Lutero e Calvino.

O homem neste sentido é dotado de total arbítrio para ser aquilo que quiser, sendo total responsável por suas escolhas. Em um exemplo no qual ele demonstra um de seus princípios didáticos, define o homem como uma criatura “dotada de livre- arbítrio para escolher e fazer [...] por isso provida da luz da razão para orientar- se com prudência em suas escolhas e ações” (COMENIUS, 2006, p. 240). Neste caso o que se coloca em questão é a definição de liberdade para Comênio.

O homem para Comênio só é verdadeiramente livre quando racionalmente faz sua escolha, e escolha racional naturalmente recebe no autor uma conotação religiosa. O homem verdadeiramente livre é aquele que escolhe assumir sua posição na imensa engrenagem do universo.

Em relação às virtudes listadas por Comênio, assim como na tradição estóica, segue-se a quádrupla divisão platônica: Prudência, Temperança, Fortaleza e Justiça, chamadas também de virtudes cardeais. Estas porém são consideradas virtudes menores pelo autor em relação àquelas consideradas *Virtudes Teologais* (Fé, Esperança e Caridade¹⁰).

Além disso, Comênio foi antes de tudo um teólogo e pedagogo da paz e da concórdia, uma personalidade admirável não apenas por seu gênio incontestável, mas também por se tratar de uma grande figura humana, tal como afirma João Luiz Gasparin:

[...] Além das questões educacionais ele foi, na teoria e na prática, um apóstolo da paz, da paz política e religiosa; percebeu, já então, uma verdade que para nós, hoje, é absolutamente clara, isto é, que nenhum povo resolve sozinho os seus problemas, mas que há entre todos uma forte interdependência. Constatou que entre todos os povos há uma solidariedade praticamente necessária e eticamente obrigatória, que os une indissoluvelmente. Pensou e previu, ainda que messiânica e utopicamente, organismos internacionais para a resolução das controvérsias, unificação e colaboração entre todos os Estados e todos os povos no terreno religioso, político e cultural (GASPARIN, 1997, p.102).

Angustiado pela perseguição católica ao protestantismo, e em contrapartida decepcionado com o próprio protestantismo, que de força renovadora dentro da cristandade se tornou também uma força institucionalizada em suas diversas denominações, o que trouxe uma série de disputas internas no próprio movimento e a conseqüente desagregação, Comênio, que esperava o auxílio de alguma grande força européia protestante (luterana ou calvinista) para a política e economicamente frágil União dos Irmãos, sempre defendeu o diálogo como forma de solucionar estas disputas e conseguir apoio para a causa da paz entre os povos.

No cerne da teoria educacional comeniana está a utopia de um mundo reformado pelo uso da razão, justificadora do esforço em prol de uma reforma escolar, pela qual a paz mundial seria gestada. Comênio previu em vários séculos a criação de instituições responsáveis pela manutenção da paz e disseminação da cultura como a ONU e a UNESCO, caracterizando-se não apenas como um dos grandes autores da história da educação, mas também

¹⁰ CF. 1 Coríntios 13, 13.

um importante representante político da paz e da ética da tolerância. Esta somente poderia ser fomentada pela educação, na qual os valores humanos necessários a tal empreitada seriam despertados. Concordamos com Wojciech Andrzej Kulesza quando este afirma que para Comênio:

A salvação será função da educação, concebida no seu sentido mais amplo de formação para a vida eterna [...]. O pastor de almas transmuta-se em professor, mas ainda sob orientação divina, o que está em sintonia com as posições irênicas e ecumênicas assumidas por ele em relação às questões que dividiam o movimento protestante de sua época (KULESZA, 1992, p.87-88).

Além do cristianismo, evidente fonte de todo o pensamento comeniano, outra grande inspiração sua no que diz respeito aos valores ligados à ética e ao respeito às diferenças, no campo político e religioso, foi o grande gênio renascentista Desidério Erasmo, mais conhecido como Erasmo de Rotterdam. Deste Comênio toma por empréstimo o conceito de *Irenismo*.

O holandês Erasmo de Rotterdam foi um dos grandes nomes do período da renascença, e um dos grandes defensores do diálogo como forma de resolução de conflitos. Grande nome do humanismo e grande erudito acerca de assuntos da Antiguidade, suas posições sempre pautadas pela moderação o mantiveram sempre como um espírito independente, livre para se posicionar e criticar até mesmo aqueles a quem tinha por companheiros. Quando da eclosão da Reforma Protestante, embora tenha inicialmente se simpatizado por Lutero, se tornou seu grande adversário. Ao mesmo tempo, nunca deixou de poupar críticas a Igreja Católica, de quem sempre fora integrante, pois “Erasmo recusava-se a contribuir para a fragmentação da comunidade cristã; abominava a guerra, a violência verbal e a intolerância religiosa” (ELIADE, 2011, p. 228-229).

Sua grande contribuição para a contemporaneidade, porém, foi muito além das polêmicas com Lutero. Erasmo fundamentou aquilo que hoje dá-se o nome de *irenismo*.

Do grego *eirenè*, que em português significa paz, o irenismo é definido segundo A. Guimarães Pinto como “a atitude que professa o repúdio por todo tipo de beligerância e uma ilimitada confiança do diálogo e do recurso à

arbitragem para a resolução dos conflitos que opõem os homens” (PINTO apud ROTERDÃO, 1999, p. 7).

A liberdade irenista consiste não na negação de si mesmo em favor de uma cultura partilhada socialmente, mas na aceitação da pluralidade como legítima e válida em seus aspectos específicos. O recurso para qualquer mudança de postura ou a impasses de quaisquer ordens em momento algum devem escapar ao diálogo. As disputas devem ocorrer com base na persuasão e na retórica, e não empunhando-se espadas ou desrespeitando aquele por quem se tem por adversário. A verdadeira arma humana é, aos olhos do irenismo, a razão e as aspirações comuns a todos os povos de todas as nações: a paz consigo mesmo e com o outro. A seguinte exortação de Comênio não deixa dúvida sobre a importância e atualidade desta questão:

De fato, em nós e naquilo que a nós pertence existe algo que se encontra na devida forma e lugar? Nada. Tudo está revirado e confuso, ou está destruído ou está ruindo. Em lugar da inteligência, com a qual deveríamos igualar- nos aos anjos, a maioria tem tal estupidez que ignora – como os animais – aquilo que mais deveria conhecer. Em lugar da prudência, com a qual nós, destinados à eternidade, deveríamos preparar- nos para a eternidade, há tal olvido, não só do que é eterno como também do que é mortal, que a maioria se escraviza às coisas terrenas e transitórias e até a morte iminente. [...]. Em lugar do amor recíproco e da candura, ódios recíprocos, inimizades, guerras e morticínios. Em lugar da justiça, iniquidade, injúrias, opressão, furtos e assaltos [...]. Em lugar da simplicidade e da verdade, mentiras, fraudes e enganos. Em lugar da humildade, soberba e ódio (COMENIUS, p.25-26, 2006).

Em períodos tais como o nosso, em que a barbárie parece aflorar em diferentes campos da existência, quando aspectos éticos são relativizados e o bem comum parece se diluir em meio à busca incessante do indivíduo por si e somente para si mesmo, a postura irenista de Comênio pode fornecer indícios de caminhos a serem trilhados em prol de uma sociedade mais humana e menos automatizada.

2.5 O papel moral da educação

A partir do exposto, é possível compreender o forte caráter moral da educação comeniana. Dizendo respeito a um período histórico específico, o modelo didático proposto pelo autor possuía como fim último a difusão de uma

mentalidade especificamente religiosa, característica da época. Tanto o é que o autor insere a moral no conjunto de disciplinas escolares, além de listar no capítulo XXIII da Didática Magna “dezesseis cânones fundamentais” na arte de formar costumes.

Podemos dividir essas dezesseis regras em dois grupos, sendo que os seis primeiros cânones compõem os modelos da virtude e o segundo grupo se constitui de recomendações acerca do ensino da moral.

Os seis primeiros cânones, que dizem respeito ao primeiro grupo, alertam sobre a necessidade de ensino das quatro virtudes cardeais e fornece especificações sobre como Comênio compreende cada uma delas.

Aliando escolaridade ao comportamento moral, Comênio enfatiza o caráter eminentemente racional da virtude humana, além de apresentar traços do neo- estoicismo, como por exemplo, quando ele define a virtude da fortaleza como “o hábito de agir segundo a razão, e não por paixão ou impulso” (COMENIUS, 2006, p. 265).

O segundo grupo de cânones destaca os meios pelos quais as virtudes morais citadas anteriormente devem ser alcançadas. Nos cânones VII, VIII, IX e XII Comênio afirma que para obtenção da fortaleza, a honestidade e o trabalho devem sempre ser incentivados nos jovens. Os cânones XI, XIII, XIV, XV e XVI alertam sobre a importância dos pais e professores na formação moral da criança. Comênio além de afirmar que essa formação deve necessariamente ocorrer na mais tenra idade, defende ainda uma rígida disciplina com regras bastante claras. Por fim, o capítulo X demonstra a dimensão social do ensino comeniano, ao atrelar a virtude da justiça com a doação em favor do outro, do próximo, algo que novamente nos remete as bases doutrinárias do ensino comeniano, bem como em relação à comunidade da qual pertencia.

Em suma, assim como diversas são as visões sobre o modelo educacional comeniano, também diversas são as representações acerca deste importante personagem histórico. Muitos o apontam como sendo um tecnicista conservador, representante dos interesses burgueses, acusando-o de

corroborar intencionalmente por meio de seu sistema educacional para a ascensão da burguesia. Posições que negamos neste trabalho. Defendemos que tais análises pecam por anacronismo ao adotarem como base analítica a atual conjuntura mundial, ignorando a dinâmica sócio-econômica da Europa do séc. XVII. Igualmente rejeitamos análises que apresentam o teólogo checo com uma coloração por demais avermelhada. Acreditamos que Comênio representou a vanguarda absoluta de seu tempo em termos educacionais, não devendo ser culpabilizado como querem alguns, por não ter utilizado como base de reflexão filosofias nascidas séculos após sua morte. Independente deste fato menor, nada disto diminui o enorme legado educacional de Comênio.

CAPÍTULO 3

João Amós Comênio hoje: educação e ética

3.1 A influência de João Amós Comênio na educação atual

Embora estejamos separados de Comênio por um longo espaço de tempo, não é possível pensar a respeito da educação atual sem, no mínimo, enxergar resquícios da sistematização pedagógica proposta por ele séculos atrás. Diante disso, torna-se possível uma primeira aproximação com a teoria pedagógica comeniana. Fatos hoje tão naturais que passam quase despercebidos, como a seriação ou a organização dos conteúdos de acordo com a faixa etária dos alunos têm raízes no pensamento comeniano.

Comênio pode sem dúvida, ser considerado um dos precursores dos métodos ativos de ensino, dando especial ênfase à participação do aluno na construção de seu conhecimento, dentro obviamente, dos moldes do ensino de sua época. A educação por ele proposta, como já foi indicado anteriormente, possuía alto teor moral, portanto, seu modelo educacional também tinha esta mesma configuração. Suas premissas educacionais eram altamente práticas, e sua ética não poderia ser apenas constituída por elementos especulativos. Por isso declara Maria Lucia de Arruda Aranha:

O ponto de partida da aprendizagem é sempre o conhecido, indo do simples para o complexo, do concreto para o abstrato. O verdadeiro estudo inicia nas próprias coisas, no “livro da natureza”, o que representa viva oposição ao ensino retórico dos escolásticos. A experiência sensível, como fonte de todo conhecimento, exige a educação dos sentidos. [...] Para Comênio, o ensino devia ser feito pela ação e estar voltado para a ação: “Só fazendo, aprendemos a fazer”. Além disso, é importante não ensinar o que tem valor apenas para a escola, e sim o que serve para a vida. A utilidade de que trata Comênio faz da pessoa um ser moral, por isso as escolas são “oficinas da humanidade”, verdadeira iniciação à vida (ARANHA, 2006, p.157).

Também é possível deduzir de trechos da Didática Magna, diversas tendências educacionais surgidas séculos após sua morte. Não queremos supor com isso que Comênio seja efetivamente o pai de teorias educacionais contemporâneas, mas apenas identificar as marcas de sua genialidade,

inaugurando modelos e prática de ensino muito distintos de sua época, e que ainda hoje são objetos de debate.

Certamente o grande autor contemporâneo que maior proximidade declarada mantém com Comênio é Jean Piaget. E tal constatação não parte de uma simples suposição, mas de um documento escrito pelo próprio criador da epistemologia genética, no qual afirma:

Apesar das diferenças metodológicas, Comênio pode, sem dúvida, ser considerado um dos precursores da ideia da genética na psicologia do desenvolvimento e o fundador de uma didática progressiva ajustada ao estágio de desenvolvimento que o aluno alcança (PIAGET, 2010, p.18).

Comênio foi o primeiro a considerar os estágios de evolução das crianças. Em suas diversas analogias, o autor pressupõe de forma bastante acertada que “tudo o que será aprendido deve ser disposto segundo a idade, para que nunca se ensine nada que não possa ser compreendido (COMENIUS, 2006, p. 148). Desta forma, “todos os estudos devem ser organizados de tal modo que os estudos sucessivos sempre se baseiam nos precedentes, e estes sejam consolidados por aqueles” (COMENIUS, 2006, p. 194), de forma a respeitar e adequar a escola e a disposição dos conteúdos à capacidade cognitiva dos educandos, percorrendo uma linha evolutiva natural.

Outros autores como Paulo Freire também encontram indícios da constituição histórica de seu pensamento nos escritos de Comênio. Assim com Paulo Freire criticou ferrenhamente o que ele chamava de ensino “bancário”, ou seja, o ensino em que o aluno era um mero receptáculo de conteúdos, Comênio também critica o modelo escolástico de sua época, por cometer erro semelhante. No trecho a seguir, Comênio recrimina certas práticas “bancárias” de sua época, em uma fala que nos faz lembrar Paulo Freire:

[...] É uma tortura para os jovens: 1) ficar ocupados durante seis, sete, oito horas por dia com aulas e exercícios coletivos e depois também solitários; 2) ter de fazer ditados, exercícios e aprender de cor o maior número possível de coisas, até a náusea e a loucura, como com frequência ocorre. Se alguém quisesse encher a força um frasco de boca estreita (que pode ser comparado à mente das crianças), em vez de pôr o líquido gota a gota, o que obteria? A maior parte do líquido cairia fora e entraria quantidade bem menor do que se ele fosse posto gota a gota. Portanto, mostra ser muito inepto que

se põe a ensinar aos alunos o que lhe apraz e não o que ele entendem, pois as forças devem ser ajudadas, e não oprimidas, e o educador, assim como o médico, é apenas um ministro e não senhor da cultura” (COMENIUS, 2006, p.176).

Ainda outros trechos da Didática Magna guardam enormes semelhanças metodológicas com correntes bastante atuais. No capítulo XIX, intitulado “Princípios de um ensino rápido e conciso”, Comênio defende práticas bastante comportamentalistas, incitando a competição entre alunos e modelando normas de comportamento por meio de hábitos condicionantes. Ainda poderíamos encontrar alguns traços de pragmatismo quando Comênio insiste repetidas vezes que “de tudo o que se aprenda, é preciso buscar logo a utilidade, para não aprender nada de inútil” (COMENIUS, 2006, p. 198), ou quando anuncia no capítulo XXI da Didática Magna a famosa máxima utilitarista do aprender a fazer fazendo. Outro traço de contemporaneidade comeniana (e esta talvez desperte menos entusiasmo por parte de seus admiradores) é sua aproximação com o tecnicismo. Ao enfatizar a infalibilidade de seu método didático, o pastor checo em alguns momentos torna o professor quase que um mero reproduzidor de diretrizes pré- estabelecidas.

Ao propor seu modelo de ensino, Comênio enfatiza de diversas formas a rigorosidade metódica, delimitando de forma quase cartesiana, os passos em que deveriam se desenvolver as atividades escolares. Comênio propôs com esta finalidade a criação do que ele chamou de livros panmetódicos, que serviriam de base para toda a ação pedagógica. Como o ensino de sua época era pautado muitas vezes pela completa falta de planejamento e sequência didática, Comênio acreditava que através de um material didático rigidamente ordenado, seus objetivos seriam mais facilmente alcançados.

Mas sua preocupação com os livros didáticos foi muito além disso, tendo produzido diversos outros escritos, sobretudo destinados ao ensino de línguas. Dentre estes gostaríamos de destacar seu famoso *Orbis Sensualim Pictus* (Mundo Ilustrado das Coisas Sensíveis). De forma inovadora, Comênio confecciona o primeiro manual escolar a conter figuras correspondentes ao conteúdo exposto. Rigidamente seriado, ascendendo sempre do mais simples ao mais complexo, o manual se pretendia um contraponto ao ensino jesuítico,

altamente teórico e abstrato. Nele, o autor contrapõe em duas colunas, palavras e situações da língua materna dos educandos com sua tradução respectiva no latim. Ao contrário dos manuais jesuítas, baseados na memorização de longos e complicados trechos, diretamente do latim, Comênio propõe que se conheça um novo idioma a partir da língua cotidiana.

Botany. XX. Herbarum Scientia.



*The Botanist searches for all Vegetables ;
He rightly distinguishes Plants from each other ;
Divides them into Classes, Kinds, and Particulars ;
Observes their natural Characters, the forms of Flowers, their Cup, Flower-*

*Botanicus Vegetabilia omnia explorat ;
Plantas inter se rectè distinguit ;
In Classes, Genera, et Species, distribuit ;
Observat herbarum Characteres naturales ; florum formas, calycem, 1. petala, 2. Leaves,*

(ORBIUS SENSUALIUM PICTUS, p.52).

Mas ainda muito mais que isso pode ser extraído da Didática Magna. O uso do lúdico, do teatro, a preocupação com a ornamentação e limpeza do ambiente escolar, o uso de diferentes espaços pedagógicos – Comênio recomenda que as escolas possuam cada qual um jardim-, etc. Coisas aparentemente básicas, mas muitas vezes tão distantes de nossas escolas, em

que uma simples lousa em boas condições de uso por vezes se torna artigo de luxo.

Além das questões de âmbito mais propriamente metodológico, Comênio demonstrou especial apreço pela educação infantil. Diferente da escolástica, Comênio foi capaz de compreender, ainda que de forma bastante rústica, que uma criança não é um adulto em miniatura, mas um ser em desenvolvimento, com necessidades bastante específicas. Por isso entrou em confronto com os tradicionalistas de seu tempo, ao ressaltar as sutilezas cognitivas de um indivíduo em formação, e mais do que isso, reconhecê-lo e respeitá-lo enquanto tal. Por se tratar a infância do momento propício para o início do aprendizado, tendo em vista que este servirá como base sobre a qual as novas aquisições cognitivas irão se sustentar, o ensino infantil se torna fundamental na organização escolar proposta:

[...] O cérebro [...] na idade infantil é úmido, tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam; aos poucos vai secando e endurecendo, e por isso as coisas nele serão impressas e esculpidas com maior dificuldade, como demonstra a experiência. Donde a célebre afirmação de Cícero: “As crianças apreendem rapidamente inúmeras coisas.” Assim, mesmo as mãos e os outros membros só podem executar-se nas várias atividades nos anos da primeira infância, enquanto os nervos estão maleáveis. Quem quiser tornar-se bom copista, pintor, alfaiate, músico, etc., deverá aplicar-se ao ofício desde os primeiros anos (quando a imaginação ainda é ágil e os dedos flexíveis), pois de outro modo não atingirá seus fins. Da mesma maneira, para que a piedade finque suas raízes no coração de alguém, deverá ser plantada desde os primeiros anos; se quisermos preparar alguém para venha a ter hábitos refinados, será preciso desbastá-lo em tenra idade; quem tiver de fazer grandes progressos no estudo da sabedoria precisará abrir seus sentidos para que eles tudo acolham logo nos primeiros anos, quando o ardor é vivo, o engenho vivaz e a memória tenaz (COMENIUS, 2006, p.79).

A educação infantil para ele, além de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico e para o aprimoramento moral, possuía função socialmente preventiva. Prover uma boa formação na infância equivaleria a evitar ou amenizar problemas sociais futuros, uma vez que aquilo que é adquirido na infância possui maior probabilidade de se perpetuar por toda uma vida, ou pelo menos em parte significativa dela. Comênio nos alerta para os problemas sociais decorrentes de uma má formação na infância, e também do

abandono das gerações futuras. Ignorar o direito à cidadania e o direito ao sonho corresponde à completa negação ética da educação.

Comênio também se preocupou em contemplar os diferentes tipos de saberes, ao propor que cada aluno tivesse como medida de seu potencial os parâmetros que cada qual estabelece para si mesmo. Não existiam pessoas não educáveis; todos, são livres para se desenvolverem para onde a natureza os conduz, devendo o professor auxiliar este processo, e não determinar. Por isso declara que:

Nem deve ser obstáculo que alguns pareçam por natureza imbecis ou estúpidos: isso mostra ainda mais a urgência e a importância de educar o espírito de todos. Quanto mais retardada e infeliz for a natureza de alguém, maior é sua necessidade de ajuda, para poder libertar-se, na medida do possível, de sua estupidez e obtusidade animalesca. Nem é possível encontrar uma inteligência tão infeliz que não tenha algum corretivo por meio da educação (COMENIUS, 2006, p.90).

Comênio declara a natureza educável do homem, mas mais do que isso, ressalta a igualdade entre todos aqueles que aprendem. Ninguém pode ser preterido em detrimento de outros, tampouco a escola pode reproduzir a mesma lógica excludente de outras entidades da sociedade. A aposta no homem e em seu potencial é a mola propulsora do sistema comeniano e, de um modo geral, de toda sua produção, que de tão prolífera, despertou o interesse das mais variadas correntes, políticas e pedagógicas.

3.2 Ensinar “tudo a todos”: uma premissa ética

Evidentemente o sistema ético proposto por Comênio na Didática Magna não possui hoje a mesma representatividade de sua época. A metafísica cedeu seu lugar para a ciência ao tentar explicar fenômenos da natureza, enquanto o pensamento revelado já não recebe o crédito de outrora.

Uma vez que os parâmetros sob os quais ele desenvolveu sua leitura do mundo pertenciam a outra esfera que não a científica, qual seria então a validade de um sistema ético proposto por um autor metafísico do século XVII?

Embora a moralidade seja temporal, portanto mutável, a busca pelo bem comum certamente permanece como um dever ético atemporal. Acreditamos

que o pensamento de Comênio se reveste de atualidade ao realizar proposições educacionais para problemas que são bastante recorrentes em nossos dias e que de forma alguma estão esgotados. Quantas não são as reivindicações do professorado por melhores condições de trabalho e pela dignidade que esta opção de vida de fato merece? Quantas não são as lutas sociais por uma escola que de fato ponha ricos e pobres, homens e mulheres, pessoas de diferentes etnias, em pé de igualdade? Quantas não são as advertências para que a escola respeite a cada aluno por suas especificidades, e não pelo papel que o mercado pensa dever atribuir a cada ser humano? Enquanto estas forem apenas lutas, reivindicações e advertências, e não uma realidade concreta, certamente Comênio ainda será bastante atual.

A ética comeniana é antes de tudo um chamado à liberdade e à igualdade. Não a igualdade hipócrita e desumana da meritocracia neoliberal, mas a igualdade coletiva e sem barreiras, uma igualdade humanista, na qual suas bases devem ser fornecidas pela escola pública e segundo a qual o direito ético à realização pessoal é uma premissa necessária; direito infelizmente negado a imensa parcela da população mundial.

A famosa afirmação comeniana de que se deve “ensinar tudo a todos” já se tornara quase que proverbial. Apesar de parecer a princípio uma proposta ingênua e simplória, ao contrário, é na verdade uma afirmação bastante complexa e radical, além de ser representativa de diversas lutas históricas. Qual seria então a essência ética de sua arte universal? Ao que e a quem se refere quando fala em “tudo” e em “todos”?

Comênio exige que “todos” façam parte do processo educacional (e no caso de Comênio, a palavra todos tem sentido bastante literal) disponham de todas as possibilidades de desenvolvimento, sob a qual Comênio afirma:

[...] Concebemos uma educação geral, apta a desenvolver todas as capacidades humanas dos que nasceram homens, razão por que, até onde for possível, deverão ser guiados em conjunto e ao mesmo tempo, de tal modo que todos possam incentivar- se, estimular- se e melhorar- se mutuamente; 2) queremos que todos sejam educados em todas as virtudes, inclusive para a modéstia, a concórdia e a cortesia mútua; por isso, não devem ser separados cedo demais, nem se lhes deve dar motivo para sentir- se superiores aos outros e desprezar quem quer que seja; 3) é prematuro demais querer determinar com seis anos as aptidões de cada um, se alguém é apto ao estudo ou ao trabalho: nessa idade o vigor da mente ou as

inclinações do espírito ainda não estão bem delineados como poderão estar mais tarde. Assim como em um jardim não se pode saber quais ervas devem ser extirpadas e quais devem ser deixadas quando ainda estão jovens, mas só depois que amadurecem, tampouco é justo abrir a escola latina apenas para os filhos dos ricos, dos nobres e dos que exercem cargos públicos, excluindo todos os outros, como se só os primeiros pudessem atingir determinados cargos, e os segundos não pudessem ter esperança alguma. O vento sopra onde quer, e nem sempre começa a soprar na hora marcada (COMENIUS, 2006, p.333-334).

Deixar de fornecer isto, mesmo para aqueles que a princípio seriam excluídos, equivale a negar a alguns o direito a vivenciar plenamente os diversos fenômenos humanos e assim, descobrir o seu próprio papel como indivíduo que se insere no mundo.

O primeiro grande passo na discussão sobre a aplicação ética da premissa comeniana é a discussão sobre o alcance do “tudo”. Sobre o sentido desta palavra Comênio afirma

[...] É preciso ensinar tudo a todos. Isso não quer dizer que queiramos para todos um conhecimento (exato e profundo) de todas as ciências e artes: isso não seria útil em si mesmo nem possível a ninguém, tendo em vista a brevidade da vida. Toda arte (por exemplo a física, a aritmética, geometria, a astronomia, mas também a agricultura e o cultivo de plantas) é tão extensa em amplitude e profundidade que pode exigir uma vida inteira mesmo de homens de mente excelsa, caso estes se empenhem em estudos teóricos e experimentais: isso ocorreu a Pitágoras com a aritmética, a Arquimedes com a mecânica, a Agrícola com a metalurgia, a Longueil com a retórica (mesmo cuidando apenas disso, para tornar-se ciceroniano perfeito). Todos aqueles, porém, que estão no mundo não só como espectadores, mas como atores, devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado, sem erros nocivos (Ibid, p.95).

O autor ao se referir ao “tudo” não se refere ao ensino profundo de todas as disciplinas, dada a brevidade da própria vida. O homem é visto para ele em sua totalidade e sua totalidade deve ser contemplada pelo ensino. Assim como seu sistema pansófico pressupõe, o homem é um ser complexo, dotado de diversas e diferentes facetas.

Comênio se associa em certos aspectos ao conceito grego de *Paideia*¹¹, ao menos de forma aparente. O capítulo XV da *Didática Magna* é dedicado aos “princípios para prolongar a vida”, demonstrando preocupações até mesmo com aspectos físicos em relação ao desenvolvimento integral dos homens e mulheres. A preocupação de Comênio é de tal amplitude que chega a propor nos capítulos finais da *Pampaedia* a criação das escolas “da velhice” e “da morte”¹².

Disto podemos inferir que a educação não deve ser tratada apenas dentro da esfera estritamente escolar, de modo “que nada se aprenda apenas para a escola, mas para a vida, de tal sorte que, deixada a escola, não seja tudo levado pelo vento” (COMENIUS, 2006, p. 227). Como a amplitude deste processo é universal, o mundo é concebido como uma sala de aula, ou melhor, a sala de aula é concebida como um mundo em miniatura. A aquisição de conhecimentos não ocorre para o exercício inócuo do intelectualismo, mas para a ação no mundo e em relação com ele em sua permanente evolução. E mais do que isso, as escolas e instituições de ensino “ao formarem um homem, formem-no de maneira completa, para torná-lo apto aos compromissos desta vida e à eternidade para a qual tendem todas as coisas deste mundo (Ibid, p. 186). A educação adquire deste modo, caráter socialmente transformador.

Comênio se torna particularmente atual quando refletimos sobre o processo de “coisificação” no qual o homem moderno está imerso, seja na linha de produção de uma fábrica, ao isolar-se em uma imensa “caverna platônica virtual”, ou quando todo seu processo criativo é submetido às exigências do mercado. Por isso, ao fazermos a leitura da *Didática Magna* é sempre tema recorrente a exortação para que o poder público construa e mantenha escolas para todas as pessoas. Acerca do assunto, destacamos o seguinte trecho do Capítulo XXXII da obra:

¹¹ Sobre o conceito de *Paideia* ler: JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins fontes, 1994.

¹² Sobre a escola da velhice e a escola da morte, ler: COMÊNIO, João Amós. **Pampaedia**. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971. p. 333- 352.

[...] Ó dominadores de povos e governantes: a vós sobretudo se dirigem as minhas palavras. Porque sois os Noés a quem Deus confiou a tarefa de construir a Arca para salvar a santa semente neste horrendo dilúvio dos erros terrenos (*Gn VI*). Sois príncipes e, mais que os outros, tendes o dever de contribuir para a construção do Santuário para que os artífices, em quem o Senhor, com seu Espírito, infundiu sabedoria e inteligência para elaborar planos engenhosos, não sofram atrasos em seu trabalho (*Ex XXXVI*). Sois Davi e Salomão com a missão de chamar os arquitetos para edificar o templo do Senhor, dando-lhes o material necessário (*I Rs VI; I Cr XXIX*). Sereis os centuriões diletos de Cristo se amardes as suas crianças e para elas edificardes sinagogas (*Lc VII, 5*) (COMENIUS, 2006, p.377-378).

Comênio não foi necessariamente o primeiro a falar sobre a democratização do ensino. Antes dele, Lutero (2000) já havia defendido a democratização do ensino em seu pequeno escrito “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas”¹³. Aliás, a luta acerca do direito coletivo à educação está intrinsecamente ligada à própria Reforma Protestante de 1517, sendo uma das bandeiras do movimento religioso. Não por acaso Lutero, Melanchton, Calvino e o próprio Comênio tenham se dedicado, em maior ou menor grau, a defesa do ensino escolar.

Porém, nenhum reformador foi tão radical quanto Comênio em sua exigência ética por acesso irrestrito a formação escolar. Enquanto alguns reformadores ainda permaneceram limitados a certa visão de classe, propondo uma democratização de certo modo deficitária, com escolas distintas para os filhos da nobreza e para os filhos dos camponeses, o projeto comeniano rompe com qualquer barreira ideológica de sua época, ao defender o mesmo padrão de qualidade a todas as pessoas.

Em defesa do ensino gratuito, Comênio desenvolve com maior amplitude argumentos de Lutero em defesa da manutenção do ensino público, e nos apresenta três argumentos principais em sua exortação. No primeiro, apelando para a busca da ordem exata em todas as coisas, defende o papel social e profissional da escola. O segundo argumento se baseia na falta de preparo pedagógico dos pais, que mesmo aptos a fornecerem valores aos filhos, por

¹³ LUTERO, Martim. **Educação e Reforma**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. Col. Lutero para hoje.

força da falta de tempo ou da própria inabilidade, devem entregá-los aos cuidados de um profissional capacitado, inclusive, para que sejam educados em grupo e assim, possam se beneficiar da interação com outros alunos. Por último argumenta, recorrendo a sua filosofia, a analogia com a natureza, afirmando dentre outras coisas que “assim como se devem preparar os pescadores para os peixes e os pomares para as plantas, também se devem preparar as escolas para os jovens” (COMENIUS, 2006, p. 87)

Por isso Comênio defendeu de forma tão contundente o acesso ao ensino de grupos sociais aos quais este direito vinha até então sendo negado, como aos filhos dos camponeses e as mulheres.

3.3 O acesso dos excluídos ao processo educacional

A história humana é permeada pelo desejo ontológico de ir além daquilo que está posto, alcançar mais que os sistemas econômicos ou políticos propõem; esta é a vocação dos homens e mulheres. A necessidade de vivenciar plenamente e de transcender à própria condição, seja ela qual for, impulsiona os homens frente às limitações de sua própria experiência, e rumo às suas aspirações. Todos somos chamados a tomar parte no grande motor da história, homens e mulheres.

Neste sentido, uma vez que todos, absolutamente todos, possuem o inalienável direito ético a busca pelas aspirações pessoais dentro de uma lógica de reconhecimento coletivo, não é cabível que amplos grupos permaneçam à margem de si mesmos. Por esse motivo, a educação se torna fundamental para uma efetiva democratização do saber e para a ampliação das oportunidades de formação e integração de parcela significativa da população. Assim, vale registrar a defesa de Comênio em torno da inclusão no processo escolar de grupos sociais que historicamente foram (e muitas vezes, infelizmente, ainda o são) excluídos da formação escolar, como as mulheres e os filhos das classes populares.

Hoje diversos dados apontam para importantes conquistas sociais do sexo “frágil”. Segundo estimativas atuais, as mulheres já conseguiram inclusive ultrapassar em termos percentuais o nível de escolarização dos homens no

Brasil¹⁴. Apesar de imensas barreiras ainda a serem derrubadas, percebe-se a perspectiva cada vez mais real de equidade nas relações sociais entre os sexos. Porém, esta é uma conquista bastante recente.

O voto feminino só começou a se tornar uma realidade mundial em meados do século XX; no Brasil só se concretizou efetivamente a partir da Constituição de 1932 no governo Getúlio Vargas. A escolarização feminina só passou a ocorrer de forma mais efetiva em fins do século XIX, após parcas e frustradas tentativas.

Sem querermos nos estender no tema, dada sua própria extensão, merecedora de estudos bastante específicos, gostaríamos apenas de registrar o avanço proposto por Comênio. Vê-se as marcas de sua ética universalista ao defender em pleno século XVII a educação das mulheres:

Tampouco se pode aduzir qualquer motivo válido para excluir o sexo frágil (para dizer algo de especial sobre o assunto) dos estudos da sabedoria (seja em língua latina, seja em língua materna). Também as mulheres assim como os homens, são imagens de Deus, participam da graça divina e do reino do século futuro; também são dotadas de inteligência aguçada e aptas ao saber (frequentemente mais que o nosso sexo); também para elas, como para os homens, estão abertas as portas de postos elevados, porque muitas vezes foram destinadas por Deus ao governos dos povos, a aconselhar sabiamente reis e príncipes, à ciência médica e às outras ciências úteis ao gênero humano, bem como ao dom da profecia e a censurar sacerdotes e bispos. Por que então permitimos que se alfabetizem e depois as afastamos dos livros? Temos medo de sua falta de reflexão? (COMENIUS, 2006, p.91).

O autor defende o ensino das mulheres, alçando-as à mesma condição do homem. Assim, ao defender sua Pansofia e o ensino de “tudo a todos”, transparece o desejo de um mundo no qual as condições sociais ou de gênero não sejam fatores impeditivos contra o desenvolvimento dos povos.

No entanto, ao apontarmos os grandes avanços propostos por Comênio se faz necessário compreender também os limites de suas propostas, pois estão evidentemente permeadas por suas experiências e por uma moral de seu tempo. Aos aspectos medievais de seu pensamento, somam-se novas preocupações de fundo burguês. A revolução social que Comênio propunha

¹⁴ Para maiores informações conferir dados do IBGE no endereço: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1099>>.

certamente não viria pelo emprego das armas, mas pelo direito de cada um descobrir-se enquanto parte de uma totalidade. Por isso, ao assumir a necessidade de educação das mulheres, o faz justificando sob argumentos morais, afirmando contra possíveis adversários que :

[...] Não defendemos a instrução das mulheres para induzi-las à curiosidade, mas à honestidade e à bem-aventurança. Sobretudo com relação às coisas que lhes convém saber e obrar: para administrar bem a casa e para promover seu próprio bem, o do marido, dos filhos e de toda família (COMENIUS, 2006, p.92).

E continua com relação às classes sociais menos abastadas:

Se alguém se perguntasse: o que acontecerá se os operários, os camponeses, os almocreves e até as jovens mulheres adquirirem cultura? Eu responderia: acontecerá que, instituída com meios apropriados essa educação universal da juventude, a ninguém faltará matéria para refletir, para propor-se e perseguir fins, e para agir. Cada um saberá para onde dirigir todas as ações e os desejos da vida, que caminhos trilhar e como conservar o seu próprio lugar. Todos se dedicarão de bom grado, mesmo em meio a trabalhos e lidas, à meditação sobre as palavras e as obras divinas, evitando os perigosos ócios da carne e do sangue pela assídua leitura da Bíblia e dos outros bons livros (doce prazer que atrai os que já o experimentaram). E digo uma vez por todas: deverão aprender a ver, a louvar, a abraçar Deus em toda parte; por este motivo, aprenderão a viver com mais alegria esta vida cheia de afãs e a aguardar com maior desejo e esperança a vida eterna (Ibid, p.92-93).

O pensamento político de Comênio não entende a construção da paz social como um processo de superação da condição de oprimidos das classes subalternas, tampouco a promoção social da mulher ou dos pobres a novos postos por vias radicais; e nem poderia. Comênio ainda se encontra imerso em mentalidade medieval.

Embora Comênio tenha sido capaz de captar as diversas correntes que surgiam em sua época, além de possuir a sensibilidade necessária para promover mudanças extraordinárias, que iam desde uma sistematização inovadora da didática até a elaboração de geniais análises teológicas, que em última instância pretendiam dar fim às disputas religiosas e unificar os diferentes credos protestantes, foi incapaz de perceber a própria ação humana ao fomentar a desigualdade. Preso ainda a uma concepção estamental de sociedade, suas análises não incluíam as razões humanas para a questão da desigualdade, além de não ter sido capaz de captar as conseqüências

econômicas e sociais da emergência de uma nova força dominante: a burguesia.

Isto, porém, em nada diminui o brilhantismo do autor, que ainda preso a uma mentalidade tipicamente medieval, não pode ser culpado por ser um homem de seu tempo.

3. 4 Enquanto isso no Brasil...

As questões elencadas no século XVII por Comênio podem (respeitadas as diferenças entre as duas épocas) servir como pano de fundo para discussões bastante atuais. Os ideais de justiça social e de igualdade entre os homens, longe de serem assuntos esgotados, permanecem como matéria permanente de acalorados debates.

Com Base no relatório da UNICEF em parceria com a UNESCO “Iniciativa global pelas crianças fora da escola” de 2012, buscamos dados que nos ajudam a compreender o imenso fosso que separa as aspirações comenianas da realidade educacional brasileira.

A tabela abaixo nos ajuda a compreender alguns dos imensos desafios da educação brasileira:

QUADRO 15 - População de 6 a 17 anos que nunca frequentou a escola, por grupos de idade e raça/etnia

Região	Por grupos de idade			Por grupos de idade e raça/etnia					
				Total		6 a 14 anos		15 a 17 anos	
	Total	6 a 14 anos	15 a 17 anos	Branca	Negra	Branca	Negra	Branca	Negra
Brasil	348.744	297.334	51.410	131.778	199.362	112.107	169.721	19.671	29.641
Norte	62.747	54.697	8.050	12.554	45.547	11.763	40.159	791	5.388
Nordeste	104.837	84.752	20.085	31.205	68.391	21.992	57.519	9.213	10.872
Sudeste	106.593	90.772	15.821	43.240	57.427	38.194	46.652	5.046	10.775
Sul	48.449	43.362	5.087	36.694	10.847	32.468	10.213	4.226	634
Centro-Oeste	26.118	23.751	2.367	8.085	17.150	7.690	15.178	395	1.972

Fonte: IBGE/Pnad, 2009

Os dados obtidos no ano de 2009 computam o número de crianças fora da escola entre 6 e 14 anos, e entre 15 a 17 anos, analisando tanto questões de gênero, localização geográfica e étnicas. Os números saltam aos olhos.

Os números presentes no quadro demonstram a distância ainda a percorrer em busca de uma escola de fato democrática. Além de apresentarem o enorme contingente de crianças fora da escola, é possível perceber certas disparidades em questões, sobretudo de ordem étnica, fruto de diversos fatores históricos. A quantidade de crianças negras fora da escola ultrapassa grandemente os dados sobre crianças brancas na mesma situação, fruto de nosso passado escravista, e na lentidão das reparações as populações afrodescendentes. A questão geográfica também demonstra o enorme número de crianças em ambiente urbano e rural sem acesso a educação formal. Embora a população urbana alijada de seu direito a escola seja muito maior, estes números devem ser analisados proporcionalmente, tendo em vista que a população rural é muito menor que a população urbana.

Também bastante perceptível são as diferenças regionais. Haja vista que o Brasil seja um país de proporções continentais, e que nosso processo de

desenvolvimento tenha ocorrido de forma desigual, existem enormes diferenças regionais. O nordeste é certamente aquele que maiores problemas apresenta, devido ao abandono estatal do qual foi vítima histórica. O sudeste, embora seja a região de maior desenvolvimento industrial do país, é aquele que em termos absolutos apresenta o maior número de crianças fora da escola, retrato do imenso fosso que separa pobres e ricos na região. As demais regiões, no entanto, não apresentam quadros muito mais animadores.

Outra questão a ser debatida se refere à qualidade do ensino fornecido. Não obstante o exorbitante número de crianças fora da escola, inúmeros fatores funcionam como impeditivos para uma educação pública de qualidade. A democratização do ensino ainda é um fator historicamente recente no Brasil, o pouco investimento público no setor, a desvalorização e descaracterização social do professor, falta de infraestrutura, falta de apoio popular, etc. Soma-se a isso os interesses do grande capital sobre a educação escolar, e suas marionetes, que como de costume, são bastante diferentes dos interesses sociais que a ética impõe, ao tratar a todos os envolvidos nesse processo como números, e não como sujeitos concretos, seja por meio de seus representantes nos governos, ou por meio de seus “especialistas em educação” nas grandes mídias corporativas.

Tamanhas são as questões a serem enfrentadas, que é possível imaginarmos no século XVII, quando Comênio escreveu sobre todas estas coisas. Acesso, permanência e sucesso escolar são coisas que deveriam se misturar de forma intrínseca no ensino escolar brasileiro, algo que ainda parece, infelizmente, bastante distante, para não dizer utópico.

Também é importante ressaltar que, ao contrário do que os detratores de Comênio afirmam, sua escola não se preocupou apenas com a inclusão, mas, sobretudo, com a qualidade.

Muitos discursos educacionais contemporâneos, alguns daqueles identificados como de vanguarda, se preocupam apenas com questões de inclusão. Sob o pretexto de se contrapor ao tradicionalismo das escolas criadas para elite, defendem um ensino deficitário, apenas preocupado em entulhar crianças com atividades sem finalidade e de caráter subjetivo. O resultado prático é um ensino público, que no afã de se contrapor a uma ética totalitária,

acaba por ideologizar uma escola meramente voltada para socialização. Comênio buscou a justa medida entre uma formação que não ignorasse os conhecimentos historicamente acumulados, sem que isso implicasse em algum tipo de autoritarismo. Por isso, nos é possível, com base no pensamento pedagógico comeniano, efetuar a crítica do ensino que nega aos educandos maior possibilidade de se reconhecerem no mundo, como seres que se constroem socialmente.

Comênio, que nunca foi um intelectual de gabinete, mas ao contrário, um homem da ação, na qual viveu e escreveu, conduziu suas discussões por vias pragmáticas, embora não reducionistas. Por isso o modelo de ensino que propôs deveria conduzir a um conhecimento pouco pomposo e cheio de rodeios abstratos, mas capaz de transformar a realidade vivida e de garantir, àquele que a ela tivesse acesso o domínio sobre si mesmo, se desvinculando de qualquer forma de manipulação. Por isso afirma:

Todos sejam educados para uma cultura não vistosa, mas verdadeira, não superficial, mas sólida, de tal sorte que o homem, como animal racional, seja guiado por sua própria razão e não pela de outrem e se habitue não só a ler e a entender nos livros as opiniões alheias e a guardá-las de cor e a recitá-las, mas a penetrar por si mesmo na raiz das coisas e delas extrair autêntico conhecimento e utilidade. A mesma solidez é necessária para a moral e a piedade (COMENIUS, 2006, p.110).

Existe um princípio ético implícito nesta afirmação. O ato de conhecer é o elemento primordial na busca de cada ser humano por sua autonomia. Comênio defende assim, que o arbítrio de cada indivíduo não esteja condicionado a interesses privados, de ordem político-ideológico ou econômico, mas que este seja o fator de equidade nas relações entre as pessoas, e a partir do qual, cada ser resguarda a plenitude de seu valor perante o mundo e perante seus semelhantes.

Outra questão de extrema importância aventada por Comênio é a relação entre o conhecimento científico e a ética. Para o autor as duas questões não podem ser dicotomizadas, antes, devem estar em profunda sinfonia, conforme afirma:

Infeliz a instrução que não se converte em moralidade e piedade! E o que é a sabedoria sem a virtude? Quem se aprimora na sabedoria mas carece de virtude (é ditado antigo) mais regride que progride.

Portanto, o que Salomão disse da mulher bela que se aparta da razão também pode ser dito do homem douto mas desprovido de virtude, ou seja, que *a instrução no homem que se aparta das virtudes é como jóia de ouro em focinho de porco (PR XI, 22)*. Assim como não se engastam gemas em chumbo, mas em ouro, refulgindo ambos da luz mais esplêndida, tampouco a ciência deve ser unida à dissolução, e sim à virtude, atingindo ambas o maior esplendor. Se a ambas se acrescentar a verdadeira piedade, chegar-se-á à perfeição. De fato, o temor a Deus, princípio e fim da sabedoria, é também a ápice e o coroamento do saber, pois a plenitude da sabedoria consiste no temor do Senhor (Pr; Ecle I etc.) (IBID, p.100).

A ciência, que em outros tempos parecia anunciar o fim de todos os males terrenos, hoje se confina em laboratórios fechados, donde são decididos seus rumos. Distante de sua função social, cada vez mais se volta a interesses particulares, os quais em sua maioria, não possuem qualquer vínculo com o bem comum. Esta desfiguração histórica da ciência fora prevista de forma quase que profética por Comênio. Quando de sua crítica a Descartes, essa já era uma possibilidade prevista, assim como em sua proposta de um colegiado internacional, responsável por disseminar o conhecimento científico (o “Colégio da Luzes”). Por isso a escola tem a tarefa ética de aproximar os homens do conhecimento científico, mas mais do que isso, tem a tarefa de produzir conhecimento. A escola não pode ser considerada somente uma via pela qual o conhecimento desenvolvido nas universidades se dilui, mas um local no qual o conhecimento também se produz para a finalidade prática da vivência social.

3. 5 Uma escola da paz

Pensar democraticamente implica assumir que minha visão de mundo representa mais uma dentro de uma totalidade e que todas essas devem ser respeitadas em suas particularidades, mas não implica renegar convicções. Longe de conduzir a algum tipo de fundamentalismo, tal posição representa antes a busca pela alteridade necessária a uma sociedade saudável. A marca distintiva do pensamento intolerante é seu desejo tirânico de se impor sobre os demais por meio da coação, da violência e da desqualificação do outro, e não por vias racionais. Não raras vezes, certos discursos de ódio emergem de sua obscuridade, revestidos muitas vezes de roupagem política ou religiosa.

Em contrapartida, a alteridade pressupõe a existência de um indivíduo concreto em relação de respeito recíproco com o outro e sua visão peculiar do mundo. Desta forma o indivíduo se insere no mundo na medida em que reconhece a partir da perspectiva de interdependência cultural e da aceitação do diferente, o seu semelhante como alguém que merece ser visto com um olhar de respeito e dignidade, longe de estereótipos preconceituosos e depreciativos.

Não se trata de relativizar todo critério de verdade ou explicação de mundo, mas justamente o contrário, afirmar o justo direito que cada indivíduo possui de expressar sua visão particular da realidade dentro de padrões éticos necessários a boa convivência em sociedade, evitando assim reducionismos pseudo-democráticos que em última instância tudo enquadram em moldes e discursos de senso comum. Uma escola que se proponha a perseguir estes objetivos deve necessariamente se atentar para tais fatores, pois uma escola que ignora a vivência dos educandos deixa de o reconhecer como um sujeito histórico. Somente assim é possível perseguir o ideal comeniano de uma escola na qual os diferentes homens e mulheres se reconheçam como semelhantes, em permanente processo de construção de uma nova realidade social. Imaginar uma escola sob a perspectiva ética comeniana é também fazer uma opção preferencial por uma práxis transformadora e o repúdio por práticas pedagógicas que ignorem a realidade na qual o educando está inserido.

A proposta comeniana implica o respeito e tolerância aos diferentes de todos os tipos, sempre em busca da dignidade humana, assumindo a todos como pessoas concretas que devem ser respeitadas em suas especificidades. Por isso Comênio continua importante e atual frente a tantos modismos pedagógicos, permanecendo não apenas como um dos grandes pensadores da educação, mas, sobretudo, como um dos grandes gênios da humanidade.

Considerações finais

Inserido na história um dos percussores das modernas teorias educacionais, o pioneirismo de Comênio não se limita apenas ao método inovador que desenvolveu ou ao conjunto sistematizado de práticas que forneceu ao ato de ensinar. Figura de forma implícita em todos seus escritos o caráter ético de seu pensamento, desejoso em espalhar a concórdia e o direito generalizado ao conhecimento, sem distinções de quaisquer tipos. Neste sentido, a pesquisa, que se focou nos fundamentos éticos da teoria comeniana a partir da análise de sua principal obra pedagógica, a *Didática Magna*, tentou demonstrar a validade da ética comeniana, dentro do contexto atual. Para tanto, o trabalho se dividiu em três frentes de análise: Histórica, Filosófica e pedagógica.

Em um primeiro momento, tratamos de realizar um estudo biográfico sobre a vida de Comênio, com o esforço sempre presente de apresentá-lo dentro de seu contexto histórico, evitando, assim, anacronismos. Este esforço inicial se tornou necessário, no sentido de compreender (ainda que de forma breve) o universo comeniano, as lutas político-ideológicas que perseguiram sua vida, o imprevisto sempre presente da morte de seus familiares, sua própria existência como uma recorrente busca utópica, enfim, aspectos que rondaram a vida de um gênio peregrino do século XVII. Acreditamos que apreender a essência de seu pensamento, por meio dos diversos fenômenos aos quais vivenciou, oferece a possibilidade de que nós, homens e mulheres, nos identifiquemos como seres em permanente construção e como artífices de nós mesmos, e, que, salvo o enorme hiato histórico que separa nosso mundo do de Comênio e suas enormes diferenças, podemos, ainda assim, identificar a busca por um mundo regido efetivamente por uma ética pluralista e baseado no bem comum, como uma busca atemporal, como um objetivo ainda a ser alcançado. Neste aspecto, Comênio talvez não esteja tão distante de nós.

O segundo momento de nossa pesquisa foi reservado à análise das bases teóricas do pensamento de João Amós Comênio, e, com base em sua maior obra, a *Didática Magna*, exploramos aspectos mais propriamente filosóficos do autor, com ênfase em seu sistema ético.

O foco de nossa pesquisa recaiu sobre seu conceito principal: a Pansofia. Desta, buscamos identificar elementos éticos bastantes contemporâneos. A proposta de um ensino totalizante, complexo, capaz de fornecer bases sólidas aos educandos, e assim, proporcionar possibilidades amplas a todos os envolvidos no processo educacional, nos parece, em sua essência, uma proposta bastante relevante para um mundo compartimentado e superespecializado. Além disso, exploramos ainda a visão de homem defendida por Comênio, o caráter moral de sua pedagogia, sua ligação com a filosofia neoestoica e com o naturalismo teológico. Além disso, ao contrário de algumas pesquisas sobre Comênio, que esfacelam violentamente seu pensamento ao extrair os aspectos religiosos de sua obra, tratamos de explorar com o máximo cuidado este campo da obra comeniana, uma vez que o próprio Comênio sempre fez questão de salientar que tudo aquilo que produziu, o fez na condição de teólogo.

Por fim, nossa pesquisa abordou os aspectos éticos do pensamento pedagógico comeniano, em sua ligação com o sistema educacional atual. A partir deste contraponto tentamos demonstrar a relevância do pensamento ético de Comênio para a educação de uma forma geral, e mais especificamente para a realidade brasileira.

Abordamos diversos temas relacionados a escola, de forma que pudemos constatar o quão distantes ainda nos encontramos de alcançar os objetivos traçados por Comênio séculos atrás. A nosso ver, este é o valor maior de sua ética: sua exortação sempre constante, ecoando por uma sociedade que seja realmente capaz de abrigar de forma humana todos os seus estratos (ou quem sabe diluí-los), mas que por fatores diversos, pouco faz para justificar o título de democracia que ostenta. Como as grandes utopias, Comênio indica o horizonte para o qual devemos nos voltar, traçando linhas e estabelecendo planos, para ensinar efetivamente “tudo a todos” sobre todas as coisas. É com espanto e certa tristeza que constatamos que em certos momentos, a Didática Magna aparenta ter sido escrita em pleno século XXI, o que nos faz perguntar se aproximadamente quatro séculos de desenvolvimento tecnológico foram suficientes para percebermos que muito pouco aprendemos com o passado.

Decerto esta e outras questões ainda serão respondidas pela própria história, de modo que, por hora, apenas podemos concluir que as posições defendidas por Comênio, não obstante a vanguarda de seu tempo, parecem estar à frente também do nosso, motivo de preocupação para todo aquele que se depara com suas obras e assevera a veracidade do adágio comeniano que afirma: “retornar a Comênio é progredir”.

REFERÊNCIAS

Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes / **Fundo das Nações Unidas para a Infância**. Brasília: UNICEF, 2012.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**: Geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AMON, Karl. Idade Média. In: LENZEWEGER, Josef; STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B.; ZINHOBLER, Rudolf.; (Orgs.). **História da Igreja Católica**. Trad. Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2006, p. 139- 204.

CAULY, Olivier. **Comenius, o pai da pedagogia moderna**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, Col. História e Biografias.

COMENIUS, Jan Amós. **A escola da infância**. Trad. Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: UNESP, 2011. Col. Clássicos.

_____. **Didática Magna**. Aparelho crítico: Marta Fattori. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Col. Paidéia.

_____. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração**. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010.

_____. **Orbis Sensualium Pictus**. Obra digitalizada pelo Google. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?vid=OCLC27390661&id=pxkaVd0-bpgC&pg=RA3-PA1&lpg=RA3-PA1&dq=inauthor:Comenius&asbrr=1&rediresc=y#v=onepage&q&f=false>>. Acessado em: 04 de junho de 2013.

COVELLO, Sergio Carlos. **Comenius e a construção da pedagogia**. 2. ed. São Paulo: SEJAC, 1992.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. Colaboração de H. S. Wiesner. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, v. 3.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. **Comênio**: A emergência da modernidade na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GONZALES, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986, v. 5.

HAMILTON, David. Comênio e a Nova Ordem. **Pro- Posições**. São Paulo, vol. 4, n. 2, 1993. Disponível em < http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/11_artigo_hamiltond.pdf>. Acessado em: 16 de janeiro de 2013.

KULESZA, Wojciech Andrzej. **Comenius**: A persistência da utopia em educação. São Paulo: UNICAMP, 1992.

LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003. Col. Descoberta 1.

_____. O milenarismo dos Taboritas na Boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade**. São Paulo, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/article/view/485>>. Acessado em: 13 de Maio de 2012.

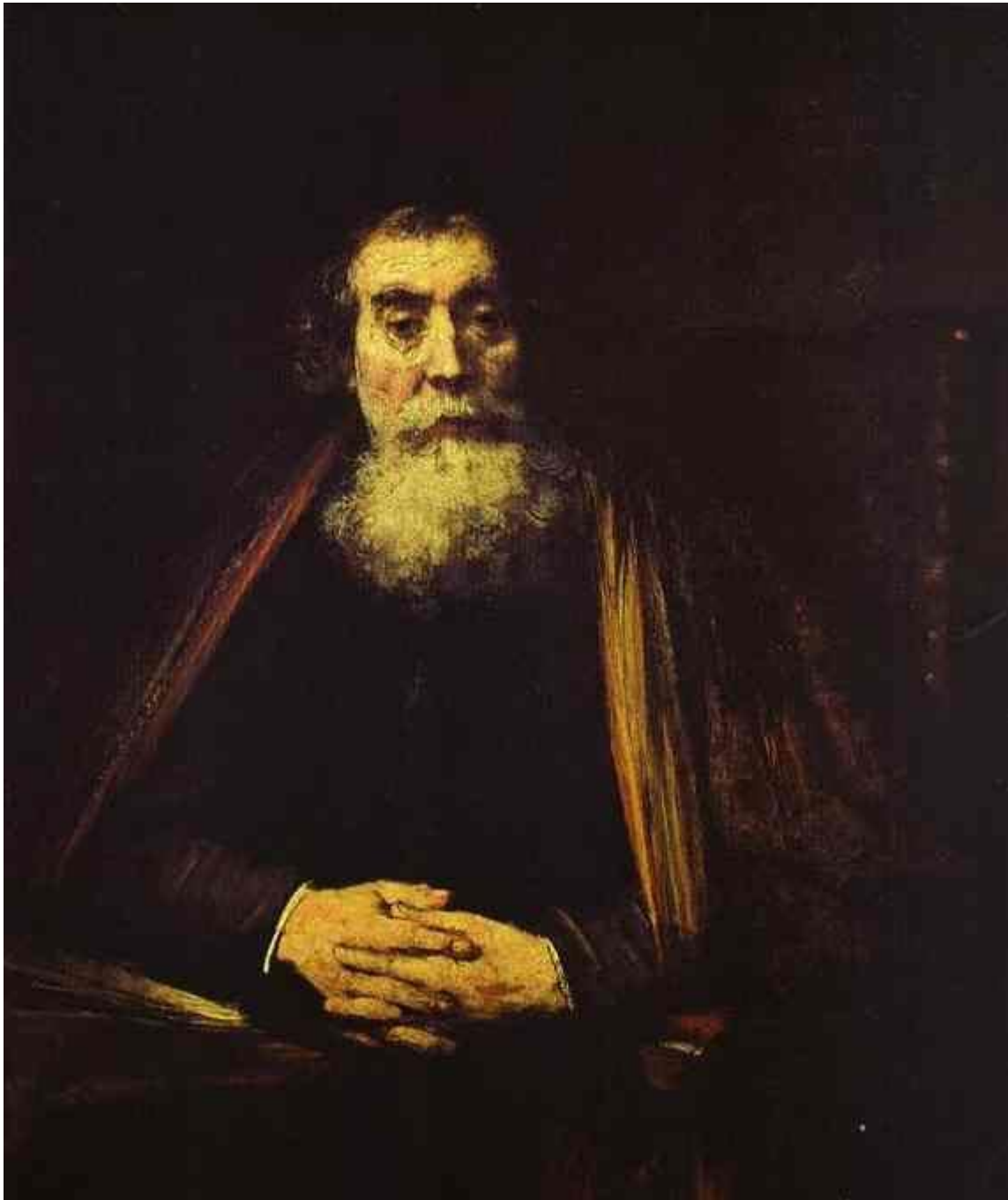
LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. Trad. e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 6 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973, p. 138- 143.

PIAGET, Jean. **Ensaio**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. Col. Educadores.

PINTO, António Guimarães. Introdução. In. ERASMO DE ROTERDÃO. **A Guerra e a Queixa da Paz**. Trad. A. Guimarães Pinto. Lisboa: Edições 70, 1999.

SIDGWICK, Henry. **História da ética**. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Ícone, 2010. Col. Fundamentos do direito.

ANEXO 1 – Quadro de Rembrandt sobre Comênio “Portrait of an old man (the rabbi)”



Disponível em: <<http://www.abcgallery.com/R/rembrandt/rembrandt154.html>>.

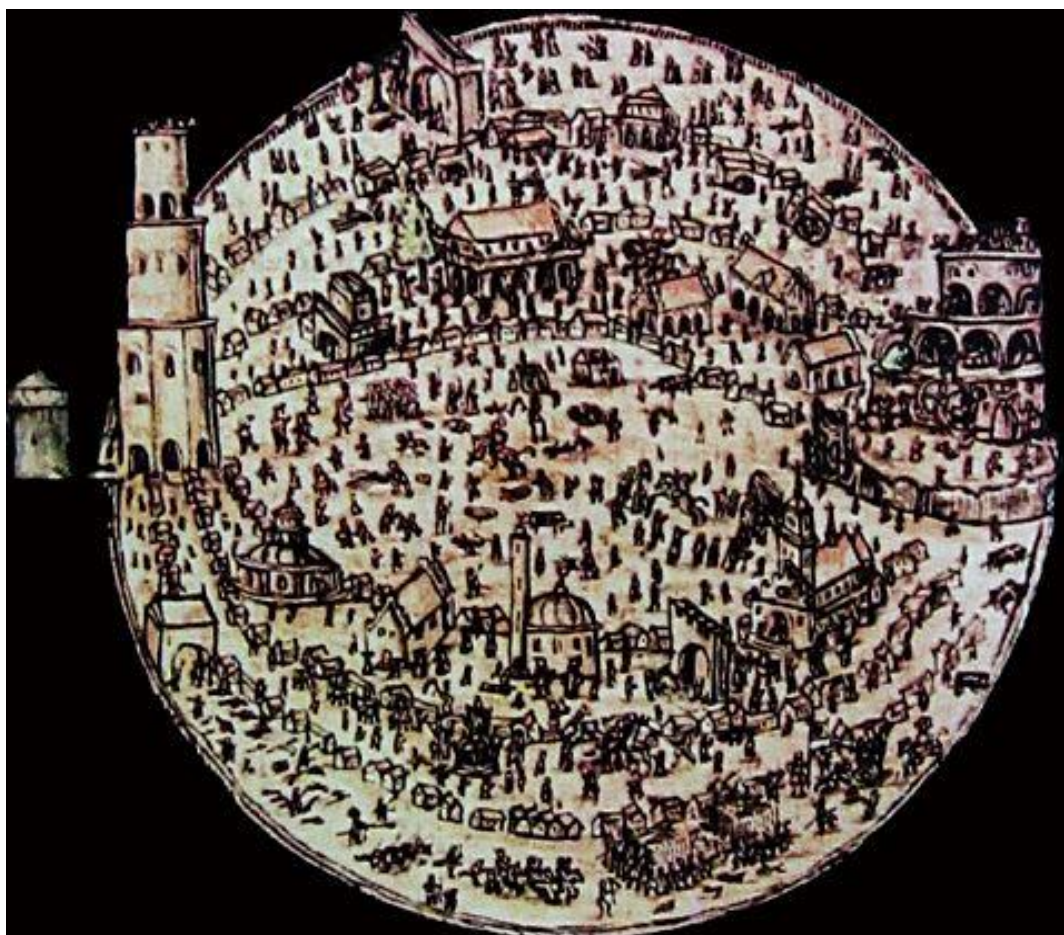
Acessado em: 15 de Junho de 2013.

ANEXO 2 – Medalha “Comenius” concedida pela UNESCO



Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=26464&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html Acessado em: 16 de Junho de 2013

ANEXO 3 – Mapa da Morávia feito por João Amós Comênio



Disponível em: <<http://www.labyrint.cz/en/>>. Acessado em: 16 de Junho de 2013

ANEXO 4 – Trecho da obra “Pampedia” de Comênio

CAPÍTULO I

TODOS, EM TODAS AS COISAS, TOTALMENTE

Que é a Pampaedia e porque é desejável (1-10). Em que sentido se deseja que todos (omnes) os homens sejam educados em todas as coisas (omnibus) e totalmente (omnino) (11-15).

1. A *Pampaedia* é a educação universal de todo o género humano. Entre os gregos, com efeito, *παιδεία* significa a instrução e a educação em que os homens são formados; e *πᾶν* significa universal. Pretende-se, portanto, que *πάντες, πάντα, παντῶς* (*Omnes, Omnia, Omnino*) sejam educados, isto é, que todos sejam educados em todas as coisas e totalmente.
2. Esta aspiração a uma educação universal leva-nos a recordar aqui a classificação em *nada* (nihil), *alguma coisa* (aliquid) e *todas as coisas* (omnia) que encontramos no domínio das ideias¹, para que a nossa aspiração e o motivo dessa aspiração se tornem mais claros.
3. No caso presente, *nada* significa *nenhuma educação*, o que podemos verificar, com horror e comiseração, nos povos actualmente bárbaros, onde míseros mortais nascem, vivem e morrem como se fossem animais.
4. *Alguma coisa*, aqui, significa *alguma educação* num ou noutro domínio e para um ou outro objectivo, a qual se encontra nas nações

¹ Estas três noções foram elucidadas, ao estudar o *mundus possibilis* ou *idealis*, no cap. II da *Pansophia*, in «Consultatio Catholica», Tomo I, p. 203.

mais civilizadas que se dedicam às ciências, às artes, às línguas e a outros estudos.

5. *Todas as coisas*, aqui, será a *educação universal*, mediante a qual se procura conseguir tudo o que é possível para assegurar, sob o céu, o maior esplendor ao homem, imagem de Deus.

6. Este desejo ou aspiração [de uma educação universal] resume-se nas três coisas seguintes: Em primeiro lugar, o que se deseja é que assim se consiga educar plenamente para a plenitude humana, não apenas um só homem, ou alguns, ou muitos, mas todos (*omnes*) e cada um dos homens, jovens e velhos, ricos e pobres, nobres e plebeus, homens e mulheres, numa palavra, todo aquele que nasceu homem, para que, enfim, todo o género humano venha a ser educado, seja qual for a sua idade, o seu estado, o seu sexo e a sua nacionalidade.

7. Em segundo lugar, deseja-se que cada homem seja rectamente formado e integralmente educado, não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana: a conhecer a verdade e a não se deixar iludir pelo erro; a amar o bem e a não se deixar seduzir pelo mal; a fazer o que deve fazer e a preservar-se do que deve evitar; a falar sãbiamente acerca de todas as coisas, com todos, quando é necessário, e a nunca se ver obrigado a calar-se; enfim, a agir, em todas as circunstâncias, com as coisas, com os homens e com Deus, não levianamente, mas prudentemente, e, assim, a nunca se afastar do objectivo da sua felicidade.

8. E que isso seja feito universalmente (*omnino*). Não para pompa e brilho exterior, mas para a verdade. Ou seja, para tornar todos os homens o mais possível semelhantes à imagem de Deus (segundo a qual foram criados), isto é, verdadeiramente racionais e sábios, verdadeiramente activos e ágeis, verdadeiramente integros e honestos, verdadeiramente piedosos e santos, e, desse modo, verdadeiramente felizes e bem-aventurados, neste mundo e por toda a eternidade.

9. Em resumo: para iluminar todos os homens com a verdadeira sabedoria, para os organizar numa perfeita administração civil e para os unir a Deus pela verdadeira religião, de modo que ninguém possa desviar-se do objectivo para que foi enviado para o mundo. O que acontecerá, se todos aprenderem:

- I. a nada ignorar das coisas necessárias, mantendo sempre os olhos abertos para todas as coisas;
- II. a deleitar-se com todas as coisas e, no entanto, a ter necessidade apenas de poucas, escolhendo as coisas melhores e agindo sempre serenamente;
- III. a tornar-se bem-aventurados, encontrando o Bem Supremo e só a ele se unindo indissolúvelmente.

Numa palavra: se todos aprenderem a ser sábios para a eternidade e a não ser néscios para este mundo.

10. Queremos, portanto, propor três coisas não habituais (repetimos, porque queremos ser entendidos), ou seja: I. que *todos* os homens sejam desde já iniciados na educação universal; II. em *todas as coisas*; III. para que se tornem *totalmente* cultos.

11. *Todos*, isto é, todas as Nações, Estados, Famílias e Pessoas, sem qualquer excepção, pois todos são homens que têm diante de si a mesma vida eterna e o mesmo caminho, divinamente indicado, para a atingir, embora semeado de armadilhas e obstruído por obstáculos vários. Acerca desses obstáculos e dessas armadilhas, todos os homens devem ser judiciosamente admoestados e esclarecidos para que, se possível, expulsemos do género humano a estultícia, de modo que, daqui para o futuro, não tenha sentido aquela queixa dos sábios: «Vaidade das vaidades... Tudo é vaidade»².

12. *Em todas as coisas*, ou seja, em todas as coisas que podem tornar o homem sábio e feliz. Que coisas são essas? São as quatro

² *Eclesiastes*, 1, 2.

coisas que o sábio Salomão recomenda, citando quatro pequenos animais sapientíssimos:

- I. A providência das coisas futuras, que louva nas formigas (*Livro dos Provérbios*, 30, 25);
- II. A prudência nas coisas presentes, para que nada se faça a não ser por processos seguros, que observa nos coelhos (*Ibid.*, 26);
- III. A tendência para a concórdia, sem imposição coactiva, que louva nos gafanhotos (*Ibid.*, 27);
- IV. Para que, finalmente, tudo aquilo que se faz, mesmo as acções indiferentes, seja harmónico, regular, sistemático, como acontece com o trabalho da aranha, aliás inútil (*Ibid.*, 28).

Pretende-se, portanto, com esta educação universal dos espíritos, que todos os homens: I. sejam instruídos com o conhecimento da vida futura, tenham o desejo dela e sejam bem orientados pelos caminhos que a ela conduzem; II. sejam ensinados a englobar dentro dos limites da prudência os negócios da vida presente, de modo que, mesmo neste mundo, todas as coisas estejam (o melhor possível) em completa segurança; III. aprendam de tal modo a caminhar pelos caminhos da concórdia que não se percam perigosamente na viagem deste mundo e na da eternidade, mas possam, pelo contrário, reconduzir à concórdia os outros dissidentes; IV. e, finalmente, que os seus pensamentos, palavras e acções sejam animados de tal zelo que estas três coisas se encontrem numa harmonia tão completa quanto possível.

Se conseguirem realizar estas quatro coisas, disporão de antídotos contra a sua infelicidade os pobres mortais, a maioria dos quais não se preocupa com o futuro, põe em perigo o presente, todos estão em desacordo e lutam com todos e cada um consigo mesmo (nos seus pensamentos, palavras e acções) e, pela discórdia, arruinam-se e perecem.

13. *Totalmente*, isto é, sejam educados para a verdade, pela qual cada um, rectamente formado, escape aos precipícios do erro e do acaso, seguindo os caminhos da rectidão. Com efeito, actualmente,

são poucos os mortais que se apoiam no seu próprio fundamento ou no fundamento das coisas; a maioria segue o seu instinto cego ou deixa-se guiar pelas opiniões dos outros. Mas, como essas opiniões estão em completa divergência entre si e com as coisas, acontece que são constantes as hesitações, as escorregadelas, os desequilíbrios e as quedas. Se se procura um remédio adequado para este mal, não poderá ser senão este: que todo o homem aprenda, saiba e possa totalmente seguir, não a plúmbea regra de qualquer hábito cego ou preconceito, mas a norma adamantina de Deus e das coisas, e, conseqüentemente, aprenda, saiba e possa manter-se sòlidamente por toda a parte ou caminhar por toda a parte com segurança.

14. Ser-me-á lícito repetir, pela terceira vez, os meus votos? Peço que me seja permitido fazê-lo, para que fique estabelecido universalmente e sòlidamente aquilo que desejamos. Desejamos que todos os homens se tornem pansofos, isto é:

- I. entendam as articulações das coisas, dos pensamentos e das palavras;
- II. entendam os fins, os meios e os métodos de agir de todas as coisas (das suas e das dos outros);
- III. nas acções (assim como nos pensamentos e nas palavras), que se difundem e confundem de vários modos, saibam distinguir as coisas essenciais das acidentais, as indiferentes das prejudiciais. E, conseqüentemente, saibam distinguir os desvios, próprios e alheios, dos pensamentos, das palavras e das acções, e estejam sempre e por toda a parte aptos a regressar ao recto caminho.

Efectivamente, se todos fossem doutos em tudo isto, tornariam todos universalmente sábios; e o mundo ficaria cheio de ordem, de luz e de paz.

15. Tendo isto em consideração, será possível dar uma definição mais precisa de *Pampaedia*: é o caminho aplanado através do qual a luz pansófica se difunde pelas mentes, pelas palavras, e pelas acções

dos homens. Ou ainda, é a arte de transplantar a sabedoria nas mentes, nas línguas, nos corações e nas mãos de todos os homens. Foi por isso que colocámos, no frontispício desta obra, um símbolo tirado da arte da enxertia: os enxertadores escolhem na árvore da pansofia borbulhas e enxertam-nas em árvores novas, pois estão ávidos de encher com pequenas árvores de natureza semelhante todo o jardim de Deus — o género humano.